CONTEMPORANEA

3.ª SÉRIE — N.º 3

PREÇO 10$00

NACIONALISMO ECONOMICO

QUEM bem prescrutar o horisonte internacional, n'esta hora agitada e febril da historia do mundo, descobrirá como que os primeiros alvôres de um novo cyclo economico, illuminando novas perspectivas aos paizes pobres, por entre a accumulação de nuvens sombrias, percursoras de tormenta, para os paizes até aqui ricos e prosperos.

Em todos os tempos a evolução economica dos povos marcou trajectorias de prosperidade para uns e de regresso ou extagnação para outros em certos periodos e o phenomeno inverso em periodos subsequentes, parecendo que d'esta forma o Destino nos quer mostrar que o progresso da humanidade para ser continuo, terá que realisar-se ao mesmo tempo para todos e não para alguns em prejuizo dos outros.

E' a fatal solidariedade humana, a que os homens pretendem fugir no seu egoismo estreito, e que se affirma na serena e implacavel firmeza das leis iniludiveis.

Analysemos com fria imparcialidade as differentes phases do cyclo economico que a guerra europeia acaba de fechar e procuremos n'ellas ensinamentos que nos guiem na estrada do futuro.

Como caracteristica economica fundamental sobresae nitido um acentuado internacionalismo marcado pelo regimen economico do livre cambio.

Pode dizer-se que o unico paiz, que aberta e francamente, se afastou d'esse regimen foi a America do Norte (Estados Unidos).

Toda a Europa a elle se submetteu, excepção feita da França, que sob certos aspectos se manteve economicamente isolada e que sob outros manifestou salutares tendencias de solidariedade, bem mal apreciadas e correspondidas por signal.

Em regimen proteccionista e com falta de mão de mão d'obra, não podia este paiz lançar no mercado, em larga escala, saldos de productos, que não tinha, mas lançava, em compensação, saldo de capital que deveriam permittir o enriquecimento dos paizes que d'elles se utilizavam. Não sucedeu assim infelizmente e todos esses capitaes se perderam, afogados no lôdo sangrento da revolução russa.

Iniciaram na verdade quasi todos os paizes um regimen timorato de proteccionismo, mas tão limitado elle era que não permittia o desenvolvimento da sua producção, antes o agravara por um encarecimento dos productos sem outras compensações.

Ora em regimen de livre-cambio, um paiz intrinsecamente pobre não pode, á custa d'um suplemento de esforço, compensar a pobreza do seu solo, só lhe restando morrer de fome ou emigrar.

Esse dilema fatal foi posto á maior parte dos paizes do sul da Europa, que a elle se submetteram sem suspeitar que assim cavavam a sua ruina economica.

Um outro factor de miseria se juntava a este semiproteccionismo depressivo e mórbido e esse resultava da propria natureza da producção de cada paiz.

Um paiz agricola por exemplo, não pode, senão n'uma limitada escala, substituir a mão d'obra pela machina isto é, substituir os esforços do presente pelos esforços do passado, objectivados no capital, que a machina representa.

O custo da producção agricola é porisso sempre elevado, sobretudo nos paizes que se vêem obrigados a aproveitar terras cujas condições intrinsecas de producção são precarias. Emquanto se não manifestar a concorrencia, ainda elles podem elevar os preços e assim compensar devidamente o seu esforço; quando porem os paizes novos, ajudados pela facilidade de comunicações internacionaes, podem lançar os productos das suas zonas extremamente ferteis nos mercados, o preço dos generos agricolas torna-se de tal modo baixo, que só n'um regimen de miseria extrema se pode manter a producção. Os productos industriaes, pelo contrario, representam um consumo de mão d'obra sempre decrescente com o progresso industrial e correspondem a necessidades eternamente insatisfeitas, o que lhes permitte manter preços relativamente elevados, se os compararmos com os productos agricolas.

Assim os paizes da Europa, em que domina a producção agricola se vêem condemnados a um regimen de troca que grandemente os prejudica e largamente favorece os paizes industriaes. Estes enriquecem rapidamente emquanto que os primeiros só conseguem disfarçar a profunda miseria que os envolve, á custa do oiro dos emigrantes.

Os que, como a França, manteem em harmonia a producção agricola e industrial, conseguem viver n'uma mais que mediania, já vizinha da riqueza. O seu progresso não se manifesta com a exhuberancia dos paizes em que domina a industria, mas, sendo mais lento, é mais estavel.

Entre os primeiros paizes destacamos, Espanha e Italia, com um consumo medio por habitante não superior a 30 libras por anno e Portugal com 18 libras apenas.

A França, paiz intermedio, consegue manter um consumo medio de cerca de 80 libras por anno e por habitante.
Os paizes em que domina a producção industrial, taes como a Inglaterra e a Alemanha, dão-nos a medida da sua riqueza por um consumo medio de 250 libras por anno e por habitante.
Souberam a Espanha e a Italia, sobretudo nos ultimos tempos, desenvolver a sua producção industrial, entrando n'um regimen de mais franco proteccionismo e assim caminha a primeira para uma sensivel melhoria economica e creou a segunda, por um exraordinario desenvolvimento industrial durante e depois da guerra, a situação deveras priveligiada que hoje occupa entre os paizes do sul da Europa.
Dentro do regimen de troca que acabamos de definir nas suas caracteristicas essenciaes, os paizes industriaes por excellencia, ganhavam exportando e ganhavam importando.
Os paizes em que dominava a producção agricola, perdiam pela importação e pela exportação.
Um tal regimen deveria fatalmente conduzir-nos á situação actual. Os paizes agricolas já exhaustos, não possuindo meios de troca, não podem dar consumo aos productos industriaes extranhos e ver-se-hão obrigados a produzi-los.
Os paizes industriaes, na impossibilidade de obterem productos alimenticios que lhes bastem ver-se-hão obrigados a produzi-los ou a baixar o preço dos seus productos industriaes, subindo ao mesmo tempo o preço dos productos agricolas de forma tal que a troca possa effectuar-se com vantagem para todos e não como até aqui, em beneficio exclusivo de uns e prejuizo incomportavel dos outros.
Nasce assim uma tendencia ao isolamento economico das nações, cada uma procurando bastar-se a si propria.
Esta tendencia fundamental define o Nacionalismo economico.
D'ella resulta porem uma distribuição das produções inteiramente discordante, para muitas d'ellas, com as condições climatericas e geologicas de cada nação e como consequencia uma perniciosa baixa no rendimento economico da produção e no bem estar geral da humanidade.
Torna-se inadiavel e urgente a creação de aglomerados nacionaes, politicamente distinctos, mas economicamente solidarios, constituidos por paizes que no seu conjuncto realizem perfeitas condições de producção agricola e industrial, formando um todo economico homogeneo e perfeito.
Será homogeneo um tal conjuncto se o consumo medio por habitante fôr sensivelmente o mesmo em todos os seus elementos constituintes.
Será perfeito se reunir as mais perfeitas condições da produção em todos os generos, industriaes e agricolas e se mantiver entre os seus elementos afinidades de raças que permittam a indispensavel harmonia social.
Um blóco economico assim constituido, especializando as produções d'accordo com as condições intrinsecas de cada um dos seus elementos, realisará as mais perfeitas condições de prosperidade e bem estar.
As condições de produção da América latina alliadas ás das raças afins da Europa, realisariam o typo mais perfeito d'este genero de aglomerados sociaes.
Possue, um tal agregado, condições de produção perfeitas para a totalidade dos productos industriaes e agricolas; é sensivelmente o mesmo o consumo medio individual de cada um dos seus elementos; são perfeitas as suas afinidades de raça.
N'este amplo sentido nacionalista deveriam dirigir-se os esforços dos elementos interessados.
Do exito d'esses esforços dependerá em grande parte a rapida evolução progressiva do mundo no sentido d'um maior bem estar e de perfeita garantia de paz internacional.

RESULTOU o tremendo desequilibrio internacional, que ora se nota, d'uma imperfeita distribuição da producção e da riqueza.
Toda a evolução economica progressiva resulta d'uma divisão de trabalho cada vez mais acentuada.
Esta divisão do trabalho corresponde porisso, na maquina economica, a uma especialisação gradual das funções pelos orgãos que mais perfeitamente as executam. Não podem porem estes orgãos funcionar isolados sem graves perturbações na harmonia do conjuncto.
A' medida que as industrias se vão especialisando, vão-se por outro lado formando nucleos ou syndicatos que reunem, n'um bloco homogeneo, as industrias assim especialisadas de forma a constituirem no seu conjuncto uma unidade productora. Assim, se por um lado se differenciam as funcções, por outro se reunem os orgãos em systemas harmonicos. A divisão do trabalho só é compativel com a organisação syndical. Este phenomeno é bem nitido em todas as manifestações da vida collectiva.
Porque extranha incoherencia se crearam organisações syndicaes dentro das especialidades de cada industria e se não alargou o ambito d'estas organisações ao campo internacional, creando nucleos que constituissem completas unidades productoras?
Porque os aspectos atavicos d'um passado de predominio e de lucta nos acorrentam ás suas tendencias regressivas.
Bem se podem manifestar, na evidencia mais expressiva e insofismavel, os laços cada vez mais intimos da solidariedade entre os homens. O espantalho tenebroso dos Estados, na sua furia megalomana, concretisado na mentalidade retrograda de diplomatas de bastidor, neutralisa todas as tendencias, defaz todos os laços, anula todos os eforços.
Maquiavel espreita; Talleyrand intriga e na trama imperceptivel e mysteriosa das chanchelarias se baralha o fio conductor da humanidade.
Porisso o mais ligeiro obstaculo na estrada do futuro se nos transforma em perigoso barranco, o mais ligeiro declive em tremendo precipicio. Se o homem contorna o barranco, resignado e submisso, logo adiante o empurram impiedosamente para o precipicio. Inutil sacrificio e vão esforço.

A força indomavel e bemfazeja do Destino fal-o-ha voltar á sua trajectoria invariavel cujo sentido de crescente bem estar a historia já marcou e a sciencia póde definir.

Fechou a guerra, com tenebroso fragor, o cyclo da decadencia. Marcham já na esteira luminosa do novo cyclo, que se abre para os paizes pobres, a Espanha e a Italia.

Outros hão-de seguir-lhe os passsos. Lenta será porem a marcha no isolamento. Terá de reunil-os o comum interesse. Terá de ajudal-os a humanidade inteira, para maior garantia do bem estar geral.

Os proprios Estados Unidos da America não poderão ficar extranhos a esse movimento. Muito ha a esperar da sua nitida visão da evolução economica.

Viveu este paiz sempre em regimen de franco proteccionismo. Constituindo só por si um conjuncto susceptivel de todos os generos de producção, rico de materias primas industriaes e de productos, dotado de eminentes qualidades productoras, soube bem comprehender que um bem estar permanente e estavel, superior aos dos outros paizes e compativel com a riqueza do seu sub-solo e a fertilidade do seu solo, só era possivel no seu isolamento economico.

Um elevado bem estar traduz-se realmente n'um elevado consumo individual incompativel com a vida barata e as faceis condições de concorrencia nos mercados mundiaes. E se um grande mercado existe dentro das suas fronteiras, tanto maior, quanto maior fôr a producção, desde que esta seja racionalmente distribuida, para que trocar esse mercado interno, garantido e facil, por mercados extranhos, aleatorios e difficeis ?!

Mercê de aspectos tentadores do livre-cambio, varios paizes cahiram n'este logro e tudo por exemplo, como nós em Portugal 21 milhões de libras de importações e apenas 7 milhões de libras de exportações, trocámos o mercado interno de 21 milhões de libras, garantido e seguro, independente de tratados de comercio e de luctas tremendas de concorrencia, por um triste mercado, contingente e difficil de 7 milhões de libras.

Não quiz a America caminhar n'essa corrente, só exportando os productos ou materias primas de que não precisa e que expontaneamente os outros lá vão buscar pelo preço que ella entenda dever pedir-lhes.

D'esta forma, nenhum esforço interno é dispendido em favor do extrangeiro e todo resulta em beneficio do proprio paiz, tendo como consequencia um bem estar maximo.

Durante a guerra quiz a America collocar na Europa os seus formidaveis stocks, recebendo em troca a quasi totalidade do oiro europeu e — extranha illusão collectiva — este paiz que nunca tinha olhado o oiro senão como meio de obter productos, surge-nos a partir d'esse momento, com uma furia avarenta de acumulal-o.

Para que serve porem á America o oiro que inunda as caves dos seus bancos ?

Se ella o espalha, a procura de productos tomará taes proporções que a propria producção americana não bastará a satisfazel-a, augmentando porisso exageradamente o custo da vida e sendo as barreiras alfandegarias insuficientes para evitar a importação, prejudicando seriamente a producção interna e perdendo, em favor do extrangeiro, o oiro acumulado.

E' assim o oiro condemnado a uma forçada imobilidade, perdendo a sua funcção e utilidade.

Mas sendo assim, para que quer a America juntar ainda á sua reserva inutil, todo o oiro que a Europa lhe deve ?

Por seu lado a Europa, para que o seu oiro lhe não fuja e desappareça, vê-se obrigada a conserval-o egualmente prisioneiro e imovel nas caves dos bancos. Ora quando um orgão, por assim dizer dominante no mecanismo economico, tem que permanecer imovel e oculto é porque perdeu a funcção, entrando no ocaso da sua existencia.

A propria constancia do seu valôr que poderia tornal-o apreciado como unidade de medida dos valores, essa mesma elle perdeu e mesmo alapardado e oculto em mysteriosos esconderijos, o seu valôr vae baixando, exactamente como o d'esses pedaços de papel a que era d'uso chamar-se a má moeda.

Outra caracteristica essencial do novo cyclo economico que se abre : a queda do oiro.

Fechou-se o cyclo do oiro e é este um dos symptomas mais consoladores da era nova que surge.

Sendo assim, e os symptomas são iniludiveis, para que quererá a America acumular mais oiro ainda ?

E' que se o oiro nada vale por si, elle é, ainda hoje, uma poderosa objectivação do credito.

Ceda a America aos paizes pobres da Europa o credito que esse oiro representa, que á custa d'elle esses paizes encomendarão á Allemanha, á França e á Inglaterra as machinas e installações necessarias ao desenvolvimento da sua producção. D'essa fórma resolverá a crise de *chomage* d'esses paizes, permittirá aos paizes pobre a creação de novos productos e meios de troca com os outros e terá dado um grande passo no caminho do equilibrio economico da Europa.

Assim aproveitará ao menos a pallida aureola crepuscular d'um velho deus que se afunda no sorvedouro inexoravel do tempo.

Quando a palavra humana voltar a ser o sello sagrado e inapagavel de todas as relações entre os homens perderá o credito a sua objectivação em oiro e o velho deus desaparecerá para sempre, levando no seu ventre, bojudo e informe, milhões de sacrificados.

J. PERPETUO DA CRUZ

RUBAIYAT

O fim do longo, inutil dia ensombra.
A mesma sp'rança que não deu se escombra,
Prolixa... A vida é um mendigo bebado
Que extende a mão á sua propria sombra.

Dormimos o universo. A extensa massa
Da confusão das cousas nos enlaça,
Sonhos; e a ebria confluencia humana
Vazia echoa-se de raça em raça.

Ao goso segue a dôr, e o goso a esta.
Ora o vinho bebemos porque é festa,
Ora o vinho bebemos porque ha dôr.
Mas de um e de outro vinho nada resta.

FERNANDO PESSOA

CRITICA LITERARIA:
Verbo Sêr, Verbo Amar
por Alvaro Maia

NÃo se comprehende muito bem por que motivo este poema de Antonio Correia d'Oliveira — quiçá o mais formoso livro de toda a producção literaria portuguesa durante 1926 — alcançou tão minguada referencia da critica e tão cainhas apreciações da nossa imprensa... Mal se deu por êle, não se viu o altissimo significado que possue, nem tampouco se percebeu o decisivo passo que o *Verbo Ser, Verbo Amar* representa na carreira do poeta que o escreveu. Será porque as consciencias estão embotadas? Te-lo-ia prejudicado o ambiente politico dos ultimos mêses, todo êle impregnado de novidade ou, pelo menos, de um espirito que pretende ser renovador? Será que toda a ancia de regresso pairante na vida portuguesa não passe d'uma nuvem d'hipocrisias? Não sei, não sei!... Por má ventura nossa, talvez a critica em Portugal não tenha resolvido mudar de rumo e buscar no estudo e na reflexão o saber e a equidade de que tanto carece. O positivo porem é que, este livro formosissimo, não logrou o destaque que merecia, e que as colunas da imprensa portuguesa, sempre ao dispor de todas as nulidades literarias, foram d'uma tacanhez e d'uma parcimonia desconsoladoras. Foi pena porque, este *Verbo ser, Verbo amar* representa a comovida ascensão dum alto espirito sedento de finalidade, o deslumbramento dum poeta que procurando Deus sente a verdade eterna das palavras de Pascal: *Tu me cherches, donc tu m'as trouvé*...

Na obra de Correia d'Oliveira, mais que em nenhuma outra poderá o critico encontrar a repercussão do que foi a lucta tremenda do espirito europeu durante o ultimo quartel do seculo findo. Esse seculo XIX o qual, muito mais do que estupido — como queria um polemista gaulês — foi d'um orgulho desmarcado, lançou nas almas um lucto imenso porque, a bem dizer, todo o seu esforço tendeu a destruir na desventuradissima Humanidade a ideia que mais urgente e essencial se lhe torna: a ideia de Deus. Somente essa ideia poderá emprestar á vida um sentido e, tudo quanto se faça para a destruir redundará em desvairo dos espiritos, em degradação das almas, em suprema infelicitação do homem. O crente possue um potencial d'energia desconhecido do ateu. E' sobretudo o catolico aquêle que melhor age em proveito e felicidade do formigueiro humano. Segundo êle, a vida, com as suas manifestações de beleza e teoria de grandes dores que a caracterisam não constitue um *fim* mas sim um *meio*. Em si mesma a vida nada representaria desde que no presente se confinasse, procurando bastar-se a si propria Viver — e nisso reside a sabedoria celestial do Evangelho — viver é servir. Termos surgido na terra para nós proprios não fazia sentido, uma vez que somos as mais pereciveis e contingentes de todas as creaturas, com a Morte rondando sempre em torno de nós... Viver é servir! .. A terra é um florido jardim que a misericordia divina concede á nossa miseria para suavissimo logar de provação. E tudo na vida nos indica a necessidade e a justiça d'um tal conceito da existencia. Se todo o minerio aurifero sofre duras operações que o libertam da ganga que o sufoca e fazem que d'êle se extráia um grão d'oiro; se o inho tem na sua vida toda uma tragedia, desde que brotou como planta até que o fiaram para translucido cendal; se o carvão escondido nas humilimas entranhas da terra passou incontaveis provações até que nêle surgiram faiscando os diamantes; — se todas as creaturas em summa estão á prova neste mundo e foram creadas para o homem pelas mãos amorabilissimas da Divindade, por que motivo o homem, creatura tambem e das mais mesquinhas, se não sujeitaria á lei geral da vida?

Eis o que nos diz a sabedoria infinita e reconfortante da palavra divina. Não o comprehenderam assim, porem, — ou antes não o quizeram comprehender, — os intelectuaes do seculo passado. Literatos, sabios, politicos, artistas, filosofos, repudiaram a palavra que lhes trazia uma limitação ao mundo dos seus apetites e consideraram imprudentemente que a vida se bastava a si propria. Deste modo a sua obra redundou na caça ao prazer, ao momento; na adulteração da palavra divina e, por fim, como seria d'esperar, na guerra a Deus. A isso os levou o seu orgulho cego: o homem erigia-se em fim ultimo de todas as coisas, repelia com soberba a contingencia em que estava, julgava-se mesmo fadado para escalar os ceus e de lá expulsar o Creador, — num gesto de maior ousadia que o de Prometheu porque este apenas queria roubar o fogo sagrado com que animar os seus bonecos de argila. O espirito panteista da Alemanha, inquinando as letras, as artes, a filosofia e as sciencias, endeusou o homem fazendo-o creador de deuses e com êles se confundindo. *On ne peut appeler autrement que panthéisme le commum élément que l'Allemagne a introduit dans la philosophie de l'histoire de Michelet, les idées politico-religieuse de Quinet et de Pierre Leroux, dans la doctrine esthétique de Renan. Cet élément qui ne porte que par abus un nom de système philosophique, est à vrai dire, le plus profond dissolvant intellectuel. Il apparaît dès lors que le préstige de l'Allemagne, c'était d'attirer le romantisme français à l'extrême de sa propre tendance spontanée, de donner une mystérieuse valeur métaphysique à toutes les libertés, à tous les relâchements au bout desquels la pensée trouve sa propre décomposition. Subjectivisme, c'est-à-dire règne de la facilité, ou de la passion dans la formation des idées et de théories, dédain des problèmes définis et limités. impuissance à ne point engager l'univers dans toute question, insonciance supé-*

rieure de s'accorder avec soi-meme, de s'astreindre à la conséquence, incapacité d'opter entre deux contradictoires, bien plus, complaisance satisfaite à preter également à l'un et à l'autre son sentiment et son jugement, délices de penser dans une région si indeterminée et si fluide qu'il ne s'y saurait, à vrai dire, rencontrer de contradictions; la philosophie de l'identité universelle et du «devenir» ne promeut-elle pas à une eminente dignité ces commodes pratiques, et ne taxe-t-elle par d'artifice les disciplines organisées pour défendre l'esprit et le volonté, d'y glisser? (¹) escreveu um critico francês numa obra justamente célebre. Foi de resto o panteismo alemão que dominou toda a centuria malfadada, foi êle que, revestindo todas as formas dum proteismo aliciador desvairou de soberba e orgulho as gerações passadas, levando-as finalmente ao odio contra Deus. As letras, as artes, a sciencia, o filosofismo desafiaram o Creador, insultaram-no, guerrearam-no e, ao verem a inanidade dos seus eforços para o derrubar, buscaram esconde-lo. Wirchow, perante o facto do aparecimento da vida no universo, afirmava algures que *omnis cellula e cellula et in cellula*: portanto, ou se admitia a Creação ou a geração espontanea. Para qual d'estas soluções se inclinou a Humanidade?

Triste é ter de o confessar: se não foi para a segunda foi, pelo menos, para qualquer que repelisse a primeira, apesar de absolutamente antiscientifica e mentirosa... Wyrouboff, confessando ser arbitrario o seu modo de pensar, declarava terminantemente não querer saber se Deus existia ou não porque a sciencia o não explicava (²). Fouillet e Havet porem iam mais longe: o primeiro afirmava que qualquer hipotese, por mais grosseira que fosse, deveria ser preferida a Deus e á Creação!... (³); o segundo punha como primeiro axioma dos sabios o deverem negar obstinadamente Deus. (⁴) Era pois uma explosão d'odio a qual, actuando na maioria simplista, teria as consequencias desgraçadas que são do dominio publico. E como, desterrado Deus, se fique sem saber o que seja moral, veremos então os intelectuaes (!) afadigados em construir todo um castelo de cartas, em inventar imoralidades a que pomposamente dão o nome de moral. Já para Bentham o bem moral consistia no prazer, devendo cada qual proceder de modo a receber d'ele a maior somma possivel. Mais tarde Stuart Mill definia a moral como simples associacionismo d'ideias com base numa educação experimentada, o que a deixará confinar-se apenas nos actos externos, sem explicar os caracteres do dever e da obrigação; para Augusto Comte — que foi o melhor de todos, coitado! — será a preponderancia dos instinctos sociaes altruistas e simpaticos sobre os instinctos pessoaes levando o homem a viver para os outros, o que, afinal de contas não passava d'um simples modo de iludir a questão, entregando o homem a si proprio; Littré classificava de puro egoismo a moral de Jesus e afirmava que a dita moral se deveria basear, para ser perfeita e admissivel, nos instinctos da nutrição e sexualidade, isto é: em tudo quanto mais egoista e animal existe no homem. (⁵) Feuerbach, esse ia direito ao fim: *Was der Mensch isst, da ist er*, «o homem é aquilo que êle comer; Molleschott e Buchner declararam que a virtude e o vicio não passam de simples fenomenos semelhantes aos que se observam na materia; Taine era de parecer que vicio e virtude são productos como o assucar e o vitriolo (⁶). E assim andou jogada a humanidade durante muitas dezenas d'anos, desta para a aquela teoria, qual d'elas a peor e mais infelicitante, não sendo poucos mas antes legião os que cairam na escuridão do pessimismo, o qual, como dava claramente a perceber um dos seus mais cotados teoricos, não passa da negação de Deus...(⁷)

E ao findar o seculo XIX o espectaculo que nos oferecia a mentalidade europeia era a da mais desoladora balburdia; a falta d'um seguro ideal religioso era completa, as teorias fundadas sobre um unimovediço areial pulverisavam-se ao embate com as tendencias anarquicas de cada um. Cada vez era maior o vasio das almas e não era sem um amargo pessimismo que via toda a inutilidade dos esforços de Tolstoi tentando fazer adoptar, sim, as ideias do Evangelho mas entregando-as á livre interpretação; todo o arbitrario das ideias d'um Sabatier encarando os dogmas como formulas variaveis d'uma emoção eterna. (⁸) A anarquia dos espiritos era cada vez maior, como maior era egualmente, de dia para dia, o luto das almas. Só o regresso á revelação poderia pacificar os espiritos...

Foi no meio desse luto das almas, d'essa profunda anarquia dos espiritos, que surgiu para as letras o poeta Antonio Correia d'Oliveira. Temperamento vibratil até ao excesso, sem uma dóse de serenidade que lhe permitisse encarar friamente uma solução; bastante romantico e constantemente agitado pelo mais pequeno sopro d'emoção, Correia d'Oliveira foi porventura dos escriptores portugueses contemporaneos aquele cujo espirito mais sofreu e luctou. A leitura da sua vasta producção poetica dar-nos ha imediatamente a perceber que a maior lucta do seu espirito foi a do problema do Ser. Como apaixonado fervoroso que era — e é — da sua terra, a primeira solução que adoptou exemplificando-a em obras que vão desde o *Auto do Fim do Dia* até á *Alma Religiosa* — foi a do panteismo. Ficou assim possuindo uma religião puramente pessoal, ao sabor das suas tendencias e da ventaneira de pseudo-ideias que em torno d'êle sopravam. O seu religiosismo, desligado da revelação, dos cultos e da subordinação, era um spinosismo cheio de tendencias rousseauistas vivendo de fantasmas e hipoteses, deixando o poeta entregue apenas a si, construindo os seus deuses e evoluindo os seus dogmas. E' possivel que isso bastasse para sempre a um espirito rasteiro e egoista... Mas a Correia d'Oliveira não poderia êle por forma alguma bastar. A rasão do poeta, procurando por entre a selva densa das Formas e das Symbolos o Deus dê que andava sequiosa, poderia ter tido descanso momentaneo ao topar com esta ou aquela solução que lhe apresentassem desde que um pouco de beleza a revestisse. Porisso o vemos nas obras apontadas enveredando bastante pelas ideias de Baruch Spinosa e andar, como o celebre israelita português, embriagado com o fumo ilusorio das suas construcções metafisicas:

A ti Montanha, Verde Catedral
Onde a Luz canta e a Sombra espera e resa;
A ti, que me ensinaste a universal
Livre Religião da Natureza.

proclamava, entusiasmado, Correia d'Oliveira no seu poema, *Alma Religiosa*(⁹)... Mas a verdade é que as suas soluções, uma vez postas em contacto com a realidade de todos os dias, com a durissima lição da vida e da experiencia, imediatamente se desfariam, fugindo precipitadamente do espirito como a areia nos foge dos dedos... O semi-spinosismo do poeta não convinha ao seu

instincto latino, ás necessidades do seu espirito, á formidavel ancia do Além e de Deus que vivia na sua alma. Perante o problema angustioso do nosso destino depois da morte, que consolação nos poderá trazer a certeza de que nos dispersaremos pela Natureza? A que fica reduzida a finalidade humana se, conforme o conceito spinosista da Divindade, esta mais não é do que a Natureza em acção? Triste consolo em verdade dará a um pae extremoso o saber que a carne da sua carne, o espirito que afeiçoou e amou se irão intergar imediatamente na Natureza!... Depois, tal concepção deixa absolutamente em aberto a questão da moral: o homem ficará fatalmente entregue a si pela ausencia de sancção, e ainda porque tudo se reduz a um puro fatalismo, o homem passa á categoria de automato pela carencia de livre arbitrio. Debalde Goethe procurou fugir a esta verdade, ao admitir arbitrarirmente com Rousseau a bondade humana e ao afirmar que

Ein guter Mensch, in seinem dunkeln Drange
Ist sich des rechten Weges wohl bewusst. [10]

«o homem bom, embora o erro o possa transviar, conhecerá bem depressa o recto caminho.» Simples afirmação, nada mais, porque o panteista, logicamente ficará entregue á fatalidade e, portanto irresponsavel. Na Natureza mesmo, não ha bondade: ha instintos e luctas ferocissimas, bem o prova o bom velhinho Fabre nos seus *Souvenirs entomologiques*... Demais a mais, examinada bem a teoria spinosista, que poderá ela significar senão um deismo orgulhoso, o primado da sensibilidade sobre a inteligencia? E porque aceitar esse ilusorio deismo — todo êle entretecido de hipotese – e desprezar a Revelação, se esta se funda em dados seguros e estabelece uma separação que se impõe como necessaria: a do Creador e da cousa creada? E se o homem sente a existencia de Deus, porque o tenta afeiçoar a si, repelindo verdades que terão de ser eternas? Porque tenta escalar o ceu e, sendo como é contingente e limitado, procura egualar-se a Deus em sabedoria?... E' que o homem, incomodado pela limitação que forçosamente traria aos seus actos internos e externos a aceitação das verdades reveladas, embora repila a existencia de Deus, o deseja sempre egualar a si e chegar até êle pelo orgulho. Ora até junto de Deus não se chega pelo orgulho mas sim pela humildade, pelo sofrimento, pela aceitação da palavra divina pela convicção plena de que, conhecido Deus, teremos de parar: a rasão humana terá então de se contentar com saber que certas coisas *são*, sem indagar o *como* nem o *porquê*. Como aconselhava o Apostolo das gentes, *non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem*, ou como dizia o poeta florentino,

Matto è chi spera che nostra ragione
possa trascorrer la infinita via,
che tiene una sustanza in tre persone.
State contenti, umana gente al quia;
che se possuto aveste veder tutto,
mestier non era parturir Maria. [11]

Ora, perdido o Poeta por entre o cerraceiro de desilusões que traria á sua alma de latino uma tal concepção da vida — por demais desconsoladora em face dos grandes problemas, — o seu caminho fatalmente teria de ser de lagrimas, de desesperos, d'infinitos sobresaltos. Se nunca o o seu espirito aderira por completo á concepção panteista da vida, porque atravez da sua obra lá aparecem, aqui e ali, em notas de delicioso lirismo, aflorações da crença de seus paes, o certo é que tal crença se encontrava quasi soterrada por mil e um prejuizos: era a bem dizer um contemplativismo inutil sem finalidade, incapaz de dar uma rasão de vida. Enorme deveria ser a inquietação deste Poeta perante os problemas da moral e do destino que o seu quasi panteismo deixava sem solução. Já Schopenhauer afirmava logicamente que o panteista seria levado a crer que tudo quanto o homem ou o animal fizessem seria por egual divino e excelente. [12] Esta concepção arbitrario da obra divina, admitindo sem motivo nem defesa a identidade de contrarios prestava-se admiravelmente a pôr em liberdade a Besta Humana, a legitimar todo e qualquer acto de puro egoismo e tendia para o declarado materialismo. Comprehende-se pois o vasio que ela traria a almas como a deste grande Poeta: além de inadaptavel ao seu modo de ser latino, esbarrava com as caracteristicas amoraveis do seu espirito, sedento de justiça, de claresa, de harmonia e, portanto, de Deus. E' porisso que, na sua obra que vae desde o *Menino* até ao poema agora publicado, o vemos interrogar-se, inquirir, levantar os olhos para mais alto que a sua formosa terra. No bastante condenavel, *Martyre de Saint Sébastien*, D'Annunzio já chamára a Jesus o grande *Ravisseur d'âmes*... Pois bem: é a figura extraordinaria do Filho de Deus, é a sua doutrinação maravilhosa, são as paginas coruscantes de verdade e d'amor dos Evangelhos e a firmeza secular do catolicismo, que pouco a pouco varrem do espirito de Correia de Oliveira a fumarada que o enchia de ilusorios fantasmas. Este *Verbo ser, Verbo amar*, significa um regresso ao catolicismo de pura agua dos seus maiores. Falidas as soluções spinosistas, reduzido a cousa nenhuma o dogma rousseauista da bondade natural, o Poeta só um caminho tinha a seguir: o da noção catolica do peccado original. E é ela, em verdade, que domina inteiramente o seu poema agora publicado: a pretenção erronea — aliás tão querida desde o heresiarca Pelágio até aos romanticos — de que a comiseração, os sentimentos altruistas, a bondade etc., são primordiaes no homem e anteriores mesmo ao exercicio da sua vontade raciocinada, foge do espirito deste altissimo poeta que candidamente a recebera. Creado o mundo por Deus, o homem por motivo da bondade divina saiu do nada e tudo ficou devendo ao seu Creador o qual, enlevado no ser que havia creado, o tornara rei e o colocara até acima dos anjos, seus servidores. Como pagaram nossos paes a divida imensa que haviam contrahido? Com a ingratidão mais negra, o desprezo mais absoluto pela vontade divina. Condenados por Deus ao sofrimento, é o amor divino que os irá remir e ás gerações d'eles provindas: tamanho era o amor que o Creador tomára á sua obra dilecta que, para a salvar, sacrificará o proprio Filho, Jesus... Será este que, encarnando na pureza immensa d'uma ignorada Virgem da Galileia, virá um dia corrigir a maldade humana, sofrer por ela, por ela suar sangue, padecer martirios horriveis, sentir-se cuspido, açoitado, jorrando sangue por mil feridas, lá do alto d'um madeiro e tornando veridico aquilo que o Psalmista havia profetisado: *Traspassaram-me as mãos e os pés e contaram todos os meus ossos!*... Tanto o Creador amára as suas creaturas que por elas sacrificava o próprio Filho inocente e o fazia sofrer como nunca ninguem sofreu...

Portanto este poema, formosissimo pela ideia

e pela forma, é o poema da Redempção humana pelo sacrificio de Jesus. E chegado o Poeta á concepção catolica do peccado original e da Redempção humana, a adopção integral do formidavel edificio do catolicismo é logica e necessaria. Dentro do seu espirito vivem já, inteiras, sem fumos que as desfigurem, as verdades eternas: a doutrina da Egreja apoderou-se d'ele: a humildade e a confiança leva-lo-hão pelo justo caminho. Porisso o Poeta, terminado o seu poema, se dirige a Deus e amoravelmente lhe pede:

Defende, exalta a humilde inspiração:
E se reforme na verdade santa
O antigo pensamento, errado e vão.

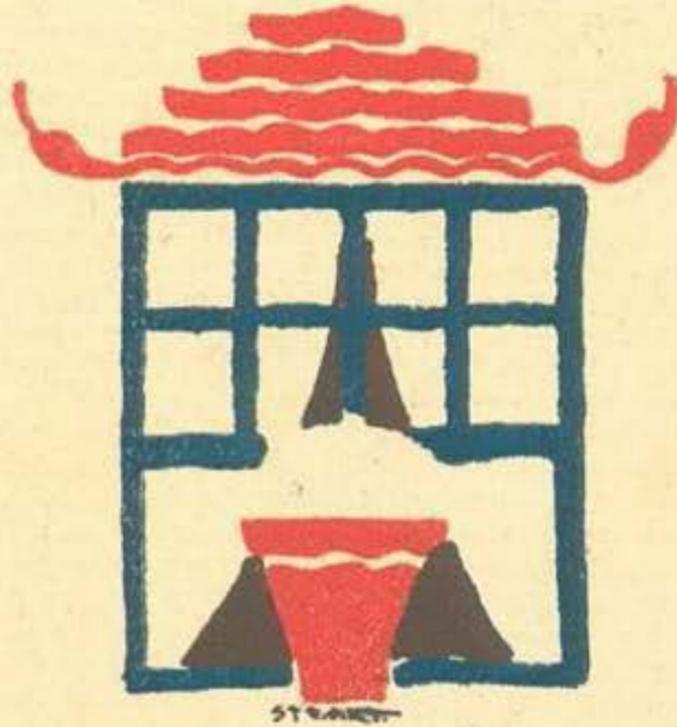
Já no seu espirito brilha uma luzinha deliciosa, reconfortante, como guia seguro das almas... Mas luzinha essa de é preciso cuidar a todo o instante, a ela nos entregar-mos, por ela dar-mos tudo, na certeza plena de que só por essa luzinha encontraremos a finalidade da nossa existencia, o termo ditoso da nossa peregrinação, a estrelinha de guia que nos levará á verdadeira terra da Promissão... E o poema termina com o voto humilde do Poeta de que nunca mais no seu espirito possa tal luzinha morrer:

As aves cantam, abrem os junquilhos.
— Não leias mais, ó doce Companheira!
Versos? palavras. Traze os nossos filhos.

Enche de rosas a Capela inteira.
Maria, aviva a lampada do altar.
Ajoelhem, os tres á minha beira.

Meus versos? Deixa-os: vale mais resar.
Assim! — Rogai a Deus, esp'rança minha,
Por nossa Patria, pelo nosso Lar...

E não se apague em mim esta luzinha.

ALVARO MAIA

[1] Pierre Lasserre: *Le Romantisme Français*, pags. 488-489. Paris Librairie Garnier, Frères.

[2] *Philosophie positive.* Setembro de 1867.

[3] Alf. Fouillée: *L'avenir de la métaphysique fondée l'experience*. 1889. Paris. Felix Alcan. Pag. 5.

[4] *Revue des Deux Mondes.* 1 Agosto 1863.

[5] Alf. Fouillée: *Critique des systémes de moral contemporains.* Paris, Felix Alcan. Pags 40-55; Poey: *Littré et Auguste Comte*, passim. Paris, Felix Alcan; Grüber *Auguste Comte, sa vie, sa doctrine*, passim. Paris. Lethieleux.

[6] Taine: *Histoire de la litterature anglaise*, sexta edição. Tomo I. Pag. XV. Paris Librairie Hachette

[7] A concepção pessimista da existencia forçosamente levaria o homem á libertação de todo o dever moral e religioso, ao mais absoluto desespero em face do mal, á negação de Deus, á blasfemia ao vasio de toda a vida. Logicamente portanto os discipulos do pessimista de Königsberg enveredavam pelo ateismo, com Mainländer na *Philosophie der Erlosung*, pelo declarado materialismo como Brahnsen, ou pelo desespero, como Eduardo de Hartmann que na celebre *Philosophie des Unbewussten* préga como remedio da humana miseria o suicidio cosmico, isto é a total extincção da vontade pela abolição da união sexual, pelo suicidio em massa da Humanidade visto tudo caminhar cada vez a peor e o mundo ser obra não d'uma vontade infinitamente perfeita, consciente, sabedora e bondosa como pretende a filosofia tomista, mas sim pessima, inconsciente, cega, maligna mesmo!...

[8] A. Sabatier: *Esquisse d'une philosophie de le religion d'aprés la psychologie et l'histoire.* Paris, Fischbacher. 1897.

[9] Este poema de Antonio Correia d'Oliveira vi-o eu á venda numa casa de publicações catolicas... Muito pouco se lê e muito descerebrada e ignorante tem sido a critica em Portugal!..

[10] *Faust*, primeira parte, versos 328-329.

[11] Dante. *Divina Commedia*, Purgatorio, III, 34-39.

[12] *Aller Pantheismus muss an den unabweisbaren Forderugen der Ethik und nachsidem am Ubel und den Leiden der Welt zuletzt scheitern. Ist die Welt eine Theophanie, so ist alles was der Mensch, ja auch das Thier thut, gleich gottlich und vortrefflich; nichts kann zu tadeln und nichts vor dem andern zu loben sein: also keine Ethik.* Cf.: Arthur Schopenhauer: Die Welt als Wille und Vorstellung. vol. pag. 677.

O HORROR AO ULTIMO

SEMPRE que se aproximava a primavera, Navarro pensava: «Talvez seja esta a ultima vez que vejo florir as rosas, reverdecer as arvores, engalanar-se toda a natureza... Talvez os meus olhos nunca mais vejam de novo esta luz admiravel, subtil, diafana, que tem a primavera... Que pena morrer! A vida só é má, porque leva em si a morte».

E recordava a infancia já longínqùa, esse dia de Páscoa dum ano já indeterminado, em que fôra colher num combro rústico da sua aldeia, lírios rôxos e brancos, lírios de desespero e pulcritude. E recordava-os tão intensamente, que ainda agora lhes sentia o perfume enebriante.

E as rosas? As rosas que se debruçavam, a namorar os transeuntes, naquele muro duma vila do Norte, em pleno Abril? E pensava de novo: «Que pena, se esta é a última primavera!» Mas chegava o verão, o outono e o inverno — e em cada uma dessas estações ele encontrava um denso encanto, um profundo sortilégio. E, como à primavera, lamentava que uma delas fôsse a última para ele...

Creara assim em seu espírito o horror ao ultimo.

Primeiro temia cada ano que passava, um dos quais para ele devia ser o último ano. Vinham depois as estações, os meses e os dias. Desejava tanto vive-los, que a sua maior dôr era pensar que o relogio do tempo devia marcar para ele um último dia — esse que não era vespera de outro, mas sim último, verdadeiramente último. E ao deitar-se pensava: «Acordarei ámanhã?» E tudo lhe parecia belo e

agradavel: — os travesseiros, a cama, o quarto, o ruído que os automoveis faziam na rua e aquele manipanço negro, que erguia uma das mãos, para servir de castiçal.

Depois veio o horror da hora última.

«São três horas — murmurava — Estarei vivo ás quatro? Não terei uma síncope, um aneurisma? Não terei uma morte súbita?»

E sempre assim, com todas as horas.

Se acordava ao meio da noite, apalpava-se e logo desabrochava a rosa dum sorriso feliz entre o extremunhamento do rosto. «Estou vivo...»

Tudo passava em seu redôr com a máxima rapidez. O tempo já não tinha horas lentas — tudo caminhava vertiginosamente, como se empenhasse em chegar a essa hora última que o esperava, silente; essa hora que não teria pêndula, que para ele não soaria em relógio algum.

Tudo se modificara, tudo, até a Eternidade, pois na sua juventude as clepsidras gotejavam mais pausadamente. E ao lembrar-se disso, ficava triste, mui triste, porque era precisamente agora que ele desejava ir devagar, devagar, ao encontro da hora última.

E já não lamentava apenas essa velocidade do tempo — agora odiava intensamente a tudo que era autenticamente último, a tudo isso que não tinha sequer, como o tempo, horas que ele não vivera e horas que não poderia viver.

Odiava ferozmente ao Z, que por ser a última letra do Alfabeto não permitia que se formassem novas silabas e palavras novas com ritmo e sentido novos.

Para ele a morte não devia ser escrita com consoantes e vogais — mas apenas com uma consoante, com êsse Z que era o fim do Alfabeto como a Morte era o fim de tudo.

Seria interessante — pensava ás vezes — que êsse Z odiado, essa última letra que tão poucos vocábulos abria, como se fôsse uma renegada, uma intrusa no abcedário, significasse verdadeiramente a morte.

— Onde está Fulano.

— Z.

— Como decorreu a batalha?

— Com muitos Zz...

E assim o Z seria a letra asiaga, porque levava a fatalidade das coisas últimas, porque era quási dispensavel no alfabeto, como a morte era quási dispensavel na vida...

Que pena morrer!

Outras vezes quedava-se a meditar sobre qual seria o último poste telegráfico desses postes que teem sempre um ruído misterioso, uma vibração oculta, como se dentro deles se escondesse um aparelho mecânico. Esse poste último, estaria já no fim do mundo, talvez mesmo erguido junto ao pórtico da morte e o seu número seria exotérico como esse número das campas abertas na margem dos cemitérios e escondidas sob buxos funebres.

Que angústia a das coisas qne não voltamos a contemplar!

Ele estivera na América — e adivinhava agora que não volveria, que não volveria jámais! Essa vez que ele vira, de longe, desde o convés do navio, a linha dos fura-ceus neorquinos, fôra a última — a odiosamente última. E esse vale, polvilhado de manchas brancas, de casas fugídias, que um dia vislumbrara desde a janela do comboio? Nem lhe sabia o nome, nem se o quizesse procurar acertaria com ele. Fôra, pois, aquela a primeira e última vez que vira o vale povoado de manchas brancas! E talvez ali, entre as arvores mui altas e à paz georgica que envolvia tudo, os dias decorressem felizes!

A obsessão torturava Navarro. Seria aquele o seu último minuto? Que desespero por não poder afastar a morte ou aniquilar esses quarenta anos que ele tinha, sobre os vinte que desejava ter! E se fosse passar o verão na praia, distraindo-se, fechar os olhos para fingir que não via a morte aproximar-se? Mas logo se apavorava ante tal solução. Essa onda que apagaria o seu último passo sobre a areia, todos os dias, todas as horas, não traria consigo a morte? Esse passo não seria verdadeiramente último? Seus pés imprimiriam outro no dia seguinte?

Era tão bom viver! E todavia ele tinha de abandonar aos outros, aos conhecidos, aos que eram indignos da vida, aos mediocres, muitas horas que não poderia viver! Sim, porque a sua hora última não era ultima para todos. Muitos outros até retomariam o seu último sôpro, para lhe dar continuidade, mas olvidando-se da boca que o exalara. Muitos outros ficariam a ver aquele sol admiravel que iluminava a rua e aquelas rosas e aqueles lírios que engalanavam os jardins na primavera. Muitos outros aportariam um dia a New York ou frequentariam aquela livraria onde ele costumava passar as tardes. Que diriam eles? Como seriam escritos esses livros que eles discutiam? E como seria a vida vinte anos depois dos ponteiros da sua hora última lhe terem trespassado o coração? E dois séculos depois? Talvez a sciencia já tivesse conquistado a eternidade para o homem — matando definitivamente a morte... Que tormento o não poder chegar até lá! Que triste impotencia essa que não permitia ao homem contemporâneo, fazer saltar os ponteiros da vida por cima dessa odiosa hora última! E a odiá-la Navarro caminhava para ela, receando sempre que fosse aquela última vez que a odiava — e esquecendo-se até de viver aquelas que ainda não eram verdadeiramente últimas...

Ferreira de Castro.

Canção de MARIO de SÁ-CARNEIRO

—Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Côres são verdadeiras—
Siga sempre o festival!

Kermesse—eia!—e ruido!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...)

Fitas de côr, vozearia—
Os automoveis repletos:
Seus chauffeurs os meus affectos
Com librés de fantasia!

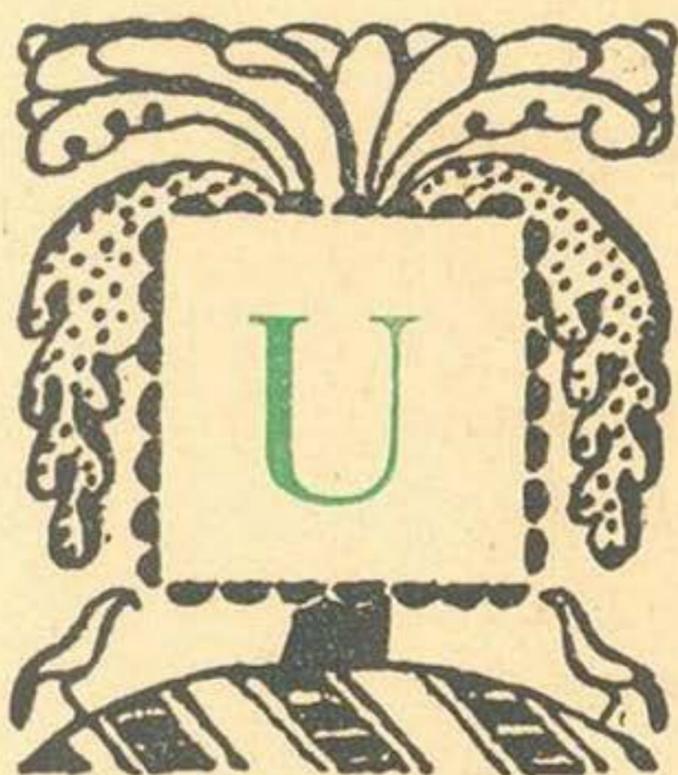
Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

—Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pena—decerto,
Mas quero o salão aberto
E os meus braços repousados.

Das Séte Canções de Declinio.

Desgraçador

Primeiro esbôço do terceiro capitulo do novo romance de José de Almada-Negreiros

"NOME DE GUERRA"

M dia na cidade do Porto presenciei uma scena entre um homem e uma mulher, que nunca mais poude esquecer. O scenario onde isto se passou é dos mais pitorescos que meus olhos viram: a Ribeira, ou a Ribeira Velha, creio eu que lhe chamam. E' um caes sobre o Douro, perto da ponte de D. Luiz. Todo o aspecto em redor é pesado e amontoado, conforme o caracter da cidade. Desde aquelle caes a cidade sóbe sempre em todas as direcções até á torre dos Clerigos. Na outra margem a ascenção iguala-se á de cá, de modo que o rio parece ter metido pelo mais alto de um monte que ficou dividido. Tudo isto faz com que o cais nos dê a estupida impressão de estar enterrado. Lembro-me de umas interessantissimas casas cujos alicerces se adivinham por causa da solidez com que as suas fachadas intimam os nossos olhos. Julgo serem vermelhas ou foi a impressão violenta da côr que me deixaram. De que bem me lembro é dos arcos em vez de portas e de umas janelas que pareciam desviadas dos seus respectivos logares. Os arcos abriam umas lojas não sei de quê, pois fixei apenas os seus fundos negros, os mais negros e os mais fundos que tenho conhecido.

Pondo por cima disto tudo uma camada de antiguidade côr de ardosia e de ferrugem, de nevoeiro fabril e de salitre, a descrição deve ficar aproximada, descontando é claro o autor e a circunstancia de ter gosado esta vista apenas uma vez.

No caes as pessoas são bem as das respectivas casas. A aglomeração de gente é como a da casaria. Um mercado justifica aquela frequencia. Além disto, a carga e a descarga das fragatas ocupa uma quantidade imensa de mulheres e de homens, mas sobretudo mulheres. É uma raça diferente da do mercado. Poucas vezes me foi dado compreender melhor o que

significam aquelas palavras: ganhar o pão de cada dia, do que ao vêr essas mulheres que iam e vinham sobre duas grossas e compridas pranchas de madeira lançadas desde a borda da fragata até ao caes, uma distancia parecida com uns dez metros. O equilibrio dessas mulheres não tinha uma hesitação à altura de três homens da agua, e em menos de três palmos de largura durante os dez metros. Acrescente-se a isto que levavam à cabeça as canastras, umas vezes vazias e outras vezes cheias até cima em piramide, conforme iam ou vinham da fragata. Daquela vez, não me lembro do que descarregavam; apetecia-me que fossem laranjas mas não insisto com a memoria, tenho contudo ainda na mente a maneira rapida como davam conta daquele serviço, conservando sempre um tempo ginastico, e não digo militar, porque além dos gestos sobrios e simplificados, corrigidos para o proprio trabalho repetido em que andavam, havia tambem uma beleza de linhas e de fórmas à qual não era extranha a sua natureza feminina. O gesto de abaixarem-se para acertar a cabeça ao meio da canastra carregada, a marcha sobre a prancha com o peso todo à cabeça, o modo de despejar a canastra inclinando o corpo de lado pela cintura, eram exactos e cheios de graça. As alcochetanas que descarregam das fragatas o carvão inglês nos caes de Lisboa por este mesmo processo, não podem infelizmente serem-lhes comparadas, Se não lhes falta a graça é outra, mas não dispõem das ossaturas opulentas das mulheres do norte e muito menos daquela dignidade externa a qual me surpreendeu em mulheres de pé descalço. Eram umas dezenas de mulheres e todas semelhantes. Por contraste com a sua actividade havia no caes uns homens sentados e outros deitados ao sol em sacas de sarapilheira cheias de mercadoria. Para um dêstes homens aquelas dezenas de mulheres não eram todas a mesma, e esperava sempre que essa passásse mais perto donde ele estava para lhe dizer o que tinha a dizer-lhe. A rapariga não fazia caso e seguia como as outras. Era um dito qualquer e talvez sempre o mesmo de todas as vezes que acontecia chegar a altura dela passar por onde ele estava. Centenas de vezes e não falhou uma! Mas de uma vez a rapariga vinha a meio da prancha com a canastra carregadinha e ele começou logo como de costume a gracejar com ela; sem ninguem esperar, ali mesmo de cima da prancha, parou de-repente, despejou a canastra no rio, apontou o braço livre em direcção ao tal homem e com o sangue todo nas faces disse-lhe esta unica palavra: — Desgraçador!

Nunca mais me esquece esta palavra.

JOSÉ D'ALMADA NEGREIROS

YO LO VI...

Yo lo ví, dios del páramo, de cara
a poniente, la frente en la tormenta,
desnudo el cobertor de su osamenta,
donde la reja de los vientos ara.

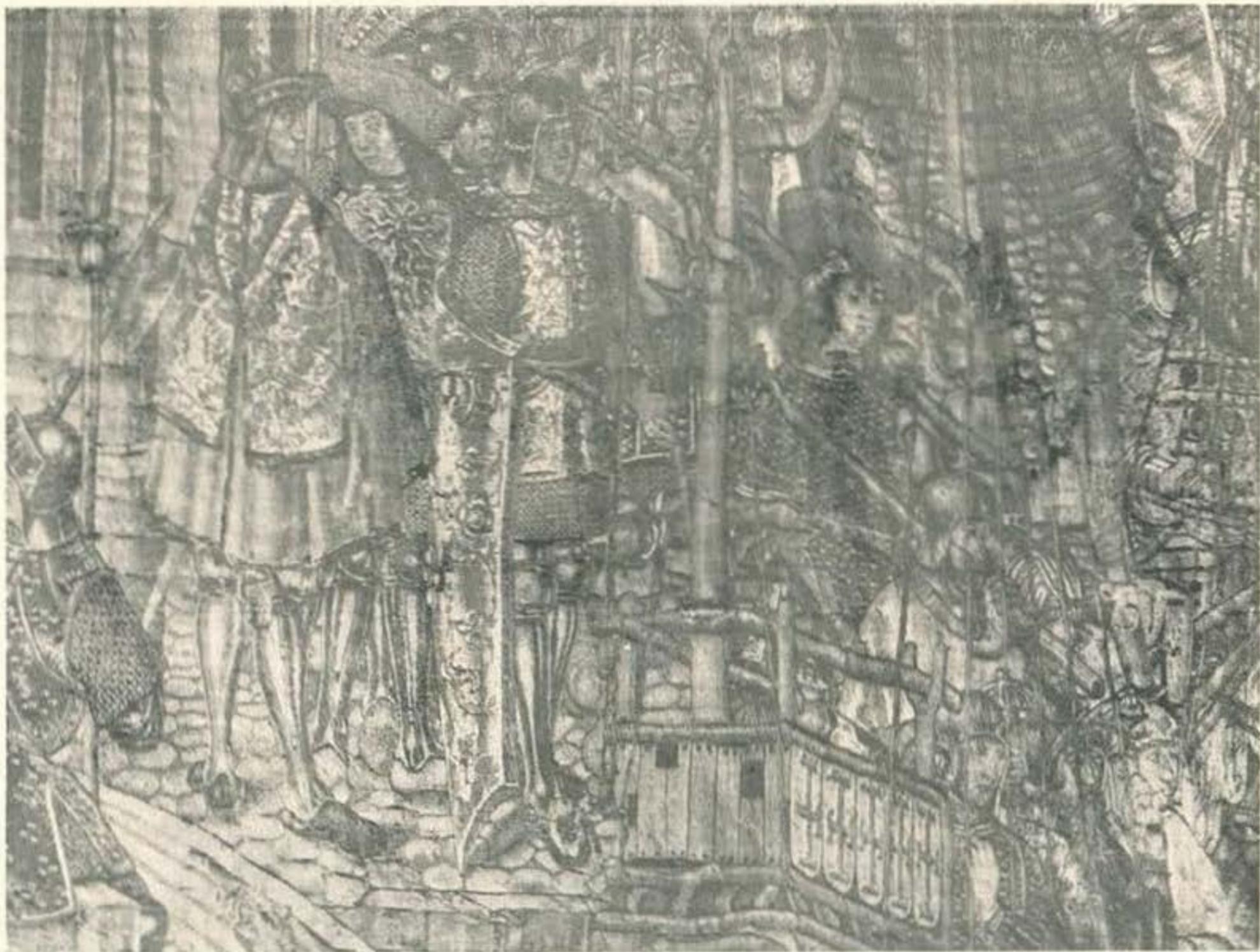
Yo lo vi, mayestática figura
de predestinacion, como una sombra
vindicadora, la mirada dura
contra un albur, que ni en blasfemia nombra.

El rayo del Señor, dejóle ciégo,
el rayo que en su troj cebóse un dia,
labriego del mal pan, triste labriego
que tiene corazón de tierra fria!

Asido a la mancera, hacia su suerte,
va labrando su propria sepultura,
pues morir, ¿qué le importa, si la muerte
es cambiar solamente de postura?

M. ALVAREZ CERÓN.

ALCACER SEGUER — CORTEJO DE ENTRADA NA CIDADE EM DIRECÇÃO Á NOVA EGREJA (ANTIGA MESQUITA) A SEGUIR Á TOMADA

VÊR ARTIGO PAG. 111

Alcacer Seguer — Cerco aguardando a saida dos habitantes da praça quando da tomada por D. Affonso V

Vêr artigo pag. 111

ELEMENTOS PARA O ESTUDO HISTORICO DAS TAPEÇARIAS DE D. AFONSO V

EXTRACTO DO ESTUDO DE AFONSO DE DORNELAS, INTITULADO “AS TAPEÇARIAS DE D. AFONSO V FORAM PARA CASTELA POR OFERTA DESTE REI

QUANDO em 11 de Fevereiro do ano corrente de 1926 fiz a comunicação, na sessão da classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, sobre as Tapeçarias representando as façanhas de D. Afonso V, conjecturei a hipotese de que as mesmas teriam levado muito tempo a tecer e que portanto nunca este Rei as teria visto, por ter morrido em 1481 e o começo da tecelagem das mesmas ser posterior a 1471, baseando-me no fraco conhecimento que tinha da confecção de tapeçarias e por saber que havia algumas que levaram mais de 20 anos a tecer.

Há a diferença porém de que há tapeçarias tecidas de uma só peça e há tapeçaria feitas de dezenas de partes que depois são ajustadas e cerzidas.

As que são duma peça só, são trabalhadas por muito menos pessoas do que aquelas que são feitas por partes.

Para exemplo, citarei que a tapeçaria do Apocalipse, da Catedral de Angers, que é dividida em seis panos, mede vinte e quatro metros de comprido por cinco de alto, ou seja cento e vinte metros quadrados cada uma e na totalidade setecentos e vinte metros quadros.

Nicolas Bataille, teceu três destes panos no seculo XIV, em dois anos, como nos diz Guiffrey, na sua «Histoire de la tapisserie».

Para o célebre jogo de doze tapeçarias da tomada de Tunis, foram os cartões encomendados em 1546 a Vermein, levando 18 meses a pintar. Estas tapeçarias tecidas por Guilherme Panemaker foram encomendadas em 20 de Fevereiro de 1549 e entregues em 1554, levando portanto cinco anos; enfim, as tapeçarias das façanhas de

D. Afonso V, que julgo foram seis, medindo dez metros de comprimento por quatro de altura ou sejam quarenta metros quadrados, ocupariam na totalidade duzentos e quarenta metros quadrados.

Se no seculo XIV, Nicolas Bataille teceu, em dois anos, tres tapeçarias com uma superficie de cento e vinte metros cada, ou sejam tresentos e sessenta metros quadrados, no fim do seculo XV, tapetes da mesma especie, medindo duzentos e quarenta metros quadrados, não levariam mais de dezasseis meses, e somando-lhe oito ou dez meses que levariam os cartões a pintar, temos pouco mais de dois anos.

❦ ❦ ❦

Quem mais desenvolvidamente se refere ás tapeçarias de D. Afonso V, é Manuel de Faria e Sousa nas suas obras «Epitome de las Historias Portuguesas» e «Europa Portuguesa».

Na primeira destas obras, quando o autor trata do reinado de Afonso V, que constitui o Capitulo XIII, hà duas citações interessantes referentes ás mesmas tapeçarias, citações que teem sido a base do conhecimento da existencia das tapeçarias em questão.

Atribui-se a importante descoberta destas citações a Ferdinand Denis que o comunicou a Raczinski e que Sousa Viterbo, Joaquim de Vasconcelos e outros estudiosos de tapeçarias em geral, teem repetido até aos nossos tempos, em que as mesmas citações teem sido referidas.

Manuel de Faria e Sousa, no referido Capitulo XIII da sua Epitome, diz, referindo-se á tomada de Arzilla:

— *De Arzilla expugnada se labraron tapizerias preciosas.*

O mesmo autor, no Capitulo III da parte III da sua obra «Europa Portuguesa», tratando das façanhas de D. Afonso, diz:

— *Aqui se queda solamente en memoria que destas expugnaciones se labraron valerosas Tapicerias. Una dellas se conserva oy en la Casa del Infantado en Castella. Muchas vezes la vimos. Dávida fué deste excellente Principe al Señor de aquel Estado.*

O excelente Principe, era D. Afonso V, e o senhor daqueles Estados, era o 2.° Marquês de Santilhana que depois foi o 1.° Duque do Infantado.

Se Ferdinand Diniz, Raczinski, Sousa Viterbo, Joaquim de Vasconcelos e tantos outros estudiosos de tapeçarias, tivessem lido as obras citadas de Manuel de Faria e Sousa, ou seja a «Epitome» e a «Europa», sem ser exactamente nos pontos que lhe indicaram que haveria referencia ás tapeçarias, talvez tivessem encontrado a razão porque D. Afonso V, tendo mandado tecer tapeçarias das suas façanhas em Marrocos, as deu imediamente para Castela ao então 2.° Marquês de Santilhana e depois 1.° Duque do Infantado, que as colocou no seu sumptuoso Palacio de Guadalajara, onde, no primeiro quartel do seculo XVII, as viu muitas vezes o autor das referidas obras, Manuel de Faria e Sousa.

Na edição da «Epitome de las Historias», impressa em Anvers em 1730, encontro a razão porque as tapeçarias foram para Castela, a uma distancia de nove paginas daquela citação que algures vi repetida com o titulo de preciosa alusão de Faria e Sousa, descoberta por Ferdinand Diniz.

Eu bem sei que em Portugal muito poucas pessoas se teem dedicado ao estudo da heráldica, talvez porque seja um assunto em que se tem forçosamente de estudar, e agora o que geralmente se vê é o desejo de fazer conjecturas, suposições, calculos, descrever visões e nada mais.

Ler, estudar e deduzir, é uma massada.

A heráldica então é um assunto muito aborrecido e para que é necessario muita paciencia e muito tempo.

Com o pouco tempo de que posso dispor e com a paciencia que julgo possuir, vou-me dedicando á heráldica e por intermedio de tal sciencia tenho aprendido alguma coisa.

Desta vez porém, não fui eu que por intermedio da heraldica, descobri a razão porque as tapeçarias de D. Afonso V foram para Castela, mas foi em todo o caso atravez da heráldica que esse conhecimento chegou aos nossos dias.

Estando, em Março passado, no Convento de Padres Franciscanos de Pastrana, o erudito Frei Lourenço Perez, historiador de que possuo alguns preciosos trabalhos, chamou-me a atenção para a descrição do reinado de D. João I na «Epitome de las Historias Portuguesas», de Manuel de Faria e Sousa na parte intitulada «Armas del Reyno». Vejamos essa bela informação:

— *Reduxo el Rey D. João I à cinco puntos los diez que tenia cada uno de los escudetes, quedandose por debaixo dellos la cruz de Aviz por ser su mestre, como tambien (en memoria de aver tenido la insignia Real Inglesa de San Jorge) acrescentó por timbre una Sierpe àlada: y de aqui tuvo principio en Portugal llamar à San Jorge en las batallas. Vése em muchas partes, y repetido por banderas y estandartes en la rica tapizeria de la toma de Arzila, que el adorno de las salas Reales Portuguesas se texia de hazañas y triunfos de sus Reyes e vassalos: este es oy de la casa del Duque del Infantado, à quin lo dio Don Alfonso V, en el tiempo de sus pretenciones con Castilla.*

É esta preciosa informação que está a nove paginas de distancia daquela outra referencia, que, a pesar de muito incompleta, tem feito as delicias dos estudiosos de tapeçarias.

A primeira edição da «Epitome» onde tem estado tão escondida esta solução dè tão monumental problema, foi impressa em 1628, portanto foi antes desta data que Manuel de Faria e Sousa viu as mesmas tapeçarias no maravilhoso palacio dos Duques do Infantado, em Guadalajara. Na «Europa Portuguesa» do mesmo auctor, no Capitulo referente a D. João I lá está a mesma informação.

Foram pois estas referencias que motivaram o meu desejo de procurar descobrir bem claramente o motivo porque D. Afonso V fez presente das tapeçarias ao 2.° Marquês de Santilhana, e foi no desenvolvimento dessa investigação que tudo se foi conjugando com elementos dignos de fé e de que resultou este estudo.

Ultimamente, os estudiosos das tapeçarias de D. Afonso V teem inventado mil razões para justificarem a sua estada em Pastrana: que foram levadas pelos Filipes quando Reis de Portugal; que foram levadas por Rui Gomes da Silva, 1.° Duque de Pastrana, quando foi 1.° ministro de Filipe II e até já se chegou a dizer que teriam sido levadas para a Batalha do Touro por D. Afonso V, para guarnecer as suas barracas de Campanha e que lá ficaram tomadas por D. Fernando, Rei Catolico.

Tambem se fosse lido todo o Capitulo XII da «Epitome de las Historias Portuguesas», lá se encontraria resposta para esta hipotese, pois lá se diz que o Principe D. João, depois Rei, II de nome em Portugal, foi para o Touro em auxilio de D. Afonso V, onde recolhera as reliquias que no campo de batalha tinham ficado de seu pai.

No Capitulo XIV da mesma obra, onde se descreve o reinado de D. João II de Portugal, repete-se este facto, dizendo-se que, recolhendo as reliquias de seu pai, se retirou com socego de vencedor.

De facto, as joias e equipagens de D. Afonso V e de D. Joana, sua recente mulher, ficaram no Castelo de Zamora, onde foram encontradas pelos Reis Catolicos na ocasião da rendição, que imediatamente mandaram restituir a D. João, filho de D. Afonso V, que ainda estava no Touro, conforme nos diz J. B. Stiges, a paginas tresentas e quatorze da sua obra «Enrique IV y la Excellente señora», Madrid, 1912.

Confirmam pois esta informação as citações acima feitas á obra de Faria e Sousa, «Epitome de las Hisrorias de Portugal».

❦ ❦ ❦

As tapeçarias de D. Afonso V deviam ter sido levadas por Lopo de Albuquerque, depois Conde de Penamacor, Camareiro-mor deste Rei, que em fins de Dezembro de 1474 foi a Castela para se informar de quais eram os grandes senhores daqueles estados que estavam ao lado de D. Joana, filha de Henrique IV e concertar-se com eles, trazendo declarações dos mesmos em como obedeceriam a D. Afonso V se entrasse em Castela.

Lopo de Albuquerque levou credenciais para o arcebispo de Toledo, D. Afonso Carrilho, que era português, para o Marquês de Vilhena, para o 2.° Marquês de Santilhana que depois foi 1.° Duque do Infantado e para o Duque de Arevalo e ainda para muitos outros sendo porem estes os mais importantes.

Diz o Capitulo CLXXIII da cronica de D. Afonso V, por Rui de Pina, que Lopo de Albuquerque em Janeiro de 1475 trouxe autenticas certidões e promessas de

que D. Afonso V seria aclamado Rei de Castela, comunicando as suas impressões a este Rei, que o aguardava em Evora.

Henrique IV, no seu testamento trazido por embaixadores dos partidarios de D. Joana, a Beltraneja, que chegaram á presença de D. Afonso que estava em Extremoz em Dezembro de 1474, pedia a este Rei que aceitasse a governança de Castela, casando com sua filha D. Joana que declarou sua herdeira e Rainha dos seus Estados.

Ora como o 2.° Marquês de Santilhana era o mais importante servidor de Henrique IV, sendo o unico que nunca abertamente se tinha declarado partidario de Afonso V de Portugal, era necessario estimula-lo por forma a tornar-se uma realidade a sua adesão e, então, como dela dependia a aclamação de D. Afonso V para Rei de Castela, pois a sua importancia era tal que a sua aquiescencia resolveria o assunto, D. Afonso V enviou-lhe as tapeçarias onde as suas façanhas estavam representadas para que visse bem que não era um pretendente vulgar á Corôa de Castela.

Chegado porém o momento de ser necessaria a prova dada pelo 2.° Marquês de Santilhana, resolveu-se este pela D. Isabel a Catolica e D. Afonso V perdeu a batalha de Touro, D. Isabel foi aclamada Rainha, e todos os rebeldes lhe foram beijar a mão.

A chamada batalha do Touro, nunca se deu, houve encontros de partidarios de lado a lado, dando-se colisões, mas nunca uma batalha em forma, sob o comando dos respectivos Reis.

Logo que o 2.° Marquês de Santilhana se declarou partidario de D. Isabel, imediatamente tudo terminou e cada um seguiu o seu caminho, recebendo o mesmo Marquês o titulo de Duque do Infantado.

D. Afonso V perdeu a partida, mas, se tivesse vencido, as tapeçarias valiam bem a Corôa de Castela.

CONCLUSÕES

1.ª — Pelo desejo que o Rei de Portugal D. Afonso V tinha de ser Rei de Castela, era principalmente necessario captar as simpatias do 2.° Marquês de Santilhana e mostrar claramente aos partidarios da Princesa das Asturias, D. Joana conhecida pela alcunha da «Beltranaja», as façanhas que tinha praticado para ficar senhor da costa norte de Africa, que limita toda a extensão de estreito de Gilbraltar, e então presenteou o referido Marquês com as tapeçarias que representavam as mesmas façanhas, conforme nos diz Manuel de Faria e Sousa nas suas obras «Epitome de las Historias Portuguesas» e «Europa Portuguesa», no capitulo referente á vida de D. João I, quando trata das modificações que este Rei fez ás armas de Portugal.

2.ª — Pelas melhores probabilidades, foi Lopo de Albuquerque, depois Conde de Penamacor, que, em fins de Dezembro de 1474, levou para Castela as tapeçarias referidas de D. Afonso V, quando como Embaixador deste Rei, de quem era camareiro-mor, ali foi conferenciar com varias entidades de alta categoria, entre as quais era principal o 2.° Marquês de Santilhana, sobre a forma da aclamação de D. Afonso V de Portugal a Rei daqueles Estados, imediatamente ao seu casamento em territorio Castelhano com D. Joana, herdeira de Henrique IV. Sobre esta embaixada veja-se o Capitulo CLXXIII da Cronica de D. Afonso V por Rui de Pina.

3.ª — Ornamentaram essas tapeçarias as paredes do sumptuoso Palacio de Guadalajara, solar dos Duques do Infantado, conforme diz o mesmo autor Faria e Sousa na «Europa Portuguesa» Capitulo III, parte III do Tomo II, que ali as viu.

4.ª — Pelo casamento da herdeira da Casa dos Mendonças, 8.ª Duquesa do Infantado com o 4.° Duque de Pastrana, em 1630, passaram essas tapeçarias para o Palacio de Pastrana onde se conservaram até que os senhores desta casa as depositaram na Colegiada.

5.ª — As tapeçarias de D. Afonso V foram entregues á Colegiada de Pastrana com a condição de voltarem para o Palacio quando os seus senhores resolvessem novamente residir no solar dos Silvas, conforme documentos ali existentes, que estão sendo estudados por Frei Lourenço Pérez, do Convento de Padres Franciscanos da mesma Vila.

6.ª — Como a ultima Senhora doPalacio dos Duques de Pastrana, morta no seculo passado, tivesse deixado o mesmo Palacio á Companhia de Jesus para nele ser organizado um Colegio, e, se o não fosse, que do mesmo Palacio tomasse posse o Arcebispo de Toledo, as tapeçarias de D. Afonso V ficarão indefinidamente em poder da Colegiada de Pastrana.

SONETO APASIONADO

Galicia en el verano. El viejo pazo
duerme medio enterrado en el parral.
En cálida penumbra esta el terrazo.
Sueña la brisa en el cañaveral.

Bella la dama tiene en el regazo,
una cabeza enérgica y sensual.
La rodea amorosa el fuerte brazo
y se hunde en la holgura del brial!

Duerme el lebrel. Sobre la mesa el vino
puso su sello tosco y libertino.
Las manzanas rodaron al mantel.

Canta el mirlo enjaulado como un divo,
y desde el seto, con mirar lascivo
espia a sus señores, Florisel.

EL MARQUES DE QUINTANAR
Conde de Santibañez del Rio

MACAU E A GRUTA DE CAMÕES

POR CAMILLO PESSANHA

DOS templos profanos portugueses dedicados ao culto do génio é sem dúvida um dos mais venerados o modesto jardim de Macau, chamado a Gruta de Camões. Nenhum português absolutamente, nenhum estrangeiro de mediana instrução vem a Macau, mesmo de passagem, cujo primeiro cuidado não seja o de irem em romagem a êsse recinto sôbre cujo solo é tradição que poisaram os pés do poeta máximo de Portugal — um dos máximos poetas de todo o mundo e de todos os tempos — em quanto o seu génio elaborava algumas das estrofes de bronze dos Lusíadas. E a nenhum deixa de invadir, apenas transposto o vulgaríssimo portal do quintalejo suburbano, que dá acesso ao local, um sentimento dominador de religiosidade, a todos impondo silêncio, como se do lado de dentro das duas insignificantes umbreiras de granito estivesse aquela tela que existiu à entrada da cartuxa do Bussaco, onde a pintura macerada de um frade fitava imperativa, com o seu olhar imovel, os que se aproximavam, erguendo verticalmente diante da bôca o indicador da mão direita.

Tem-se debatido desde há anos a questão de se Camões residiu ou não em Macau, se esteve ou não prêso no tronco da cidade, se aqui desempenhou ou pode ter desempenhado as apagadas funções de provedor dos defuntos e ausentes. A polémica ha-de de-certo renascer mais animada algum dia; e provável é que o problema venha a decidir-se finalmente pela negativa.

É a sorte de tôdas as tradições consagradas. A critica histórica, a história sciência, positiva e experimental, vem fazendo tábua rasa de quanto é anedóctico e pessoal, das atitudes esculturais, dos gestos dramáticos, das frases eloqüentemente concisas, em que tradições, lentamente evoluídas, haviam definido em têrmos, quási sempre de inexcedível beleza, um carácter, um acontecimento ou uma época. Para só me referir á história literária, basta lembrar que demonstradamente, Homero nunca existiu; e que, quanto a Shakespeare, se é, ao que suponho, incontestado ter havido no século XVI a XVII um actor inglês dêsse nome, não falta já quem lhe negue a autoria de tôdas e cada uma das tragédias que o mesmo nome imortalizaram e para apreciação de cujo valor não se encontra têrmo de comparação mesmo as supremas criações do teatro grego clássico.

Mas discussões são essas de carácter puramente académico, só interessando à investigação erudita. Se as tradições estão bem arraigadas e vivas, não será a demonstração da sua inexactidão histórica que as poderá destruir. É que não foi nas dissertações dos sábios que elas germinaram e medraram, nem é delas, mas do sentimento popular, que tiram a seiva. A Ilíada e a Odisseia hão-de chamar-se sempre os poemas

homéricos; e quando os infatigáveis sapadores que são os historiadores modernos chegaram à conclusão documentada de que Shakespeare não existiu, ou de que não sabia escrever, nem por isso a série de assombrosas figuras animadas que, no Hamlet, no Macbeth, no Othelo, no rei Lear, se estorcem nas grandes crises das suas paixões sobreumanas, traduzindo, ampliadas até ao grandioso, tôdas as modalidades de afectividade, cessariam de constituir a galeria das personagens Shakespeareanas.

Há, é certo, lendas e lendas, tradições e tradições: umas sublimes, outras grotescas. Estas são efémeras, aquelas eternas. Basta como exemplo da indestrutibilidade destas últimas o da lenda heróica da Grécia.

A vitalidade das tradições lendárias, ou quási lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É-o igualmente que a própria tradição, nos diversos factores que a constituem, seja adequada a êsse objecto. As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e tôda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada.

Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto império português do século XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta apenas ponderar se Macau, esta exígua peninsula portuguesa do Mar da China ligado ao distrito chinês de Heong-Shan, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memoria dessa epopeia e à biogragrafia do poeta sublime que a cantou.

Ora essas qualidades tem-nas Macau como nenhum outro ponto do globo. Macau é o mais remoto padrão da estupenda actividade portuguesa no Oriente, nesses tempos gloriosos. Note-se que digo padrão, padrão vivo: não digo relíquia. Há, com efeito padrões mortos. São essas inscrições obliteradas em pedra, delidas pelas intempéries e de há muito esquecidas ou soterradas, que os arqueólogos vão pacientemente exumando e penivelmente decifrando, tão lamentavelmente melancolicas como as ressequidas múmias dos faraós.

A fatalidade do determinismo histórico fez que a colonização portuguesa quási exclusivamente se desenvolvesse adentro dos trópicos e, com exclusão de Macau, tôdas as colónias portuguesas ou ex-portuguesas de clima relativamente temperado são situadas no hemisfério austral. Assim é Macau a única terra do ultramar português em que as estações são as mesmas da Metrópole e sincrónicas com esta.

É a única em que a *Missa do Galo* é celebrada em uma noite frígida de inverno; em que a exultação da aleluia das almas religiosas coincide com o alvorôço da primavera — Páscoa florida com a alegria das aves novas ensaiando os seus primeiros vôos; em que a comemoração dos mortos queridos tem logar no outono. Mais ainda: em Macau é facil à imaginação exaltada pela nostalgia, em alguma nesga de pinhal, menos freqüentada pela população chinesa, abstrair da visão dos predios chineses, dos pagodes chineses, das sepulturas chinesas, das misteriosas inscrições chinesas, destacando a cada canto em rectângulo de papel vermelho, das aguas amarelas do rio e da rada, onde deslizam as lentas embarcações chinesas de forma extravagante, com as suas velas de esteira fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão de terra portuguesa. Quem estas linhas escreve teve, por várias vezes, (há quantos anos isso vai!), deambulando pelo passeio da Solidão, a ilusão, bem vivida apesar de pouco mais duradoira que um relâmpago, de caminhar ao longo duma certa colina da Beira Alta, muito familiar à sua adolescência.

Ora a inspiração poética é emotividade, educada, desde a infancia e com profundas raízes no húmus do solo natal. É por isso que os grandes poetas são em todos os países os supremos intérpretes do sentimento étnico, Tôda a poesia é em certo sentido, bucolismo; o bucolismo e regionalismo são tendências do espirito inseparáveis. Notáveis prosadores (basta lembrar, dentre os contemporaneos, Lafcadio Hearr, Wenceslau de Moraes e Pierre Loti) têm celebrado condignamente os encantos dos paises exóticos. Poeta, nenhum. Os poucos que vagueiam e se definham por longinquas regiões, se acaso escrevem em verso, é sempre para cantar a pátria ausente, para se enternecerem (os portugueses) ante as ruínas da antiga grandeza da pátria e, sobretudo, para dar desafôgo à irremediável tristeza que os punge. E se na reduzida obra poética colonial dêsses escritores — Tomás Ribeiro, Alberto Osorio de Castro, Fernando Leal (êste ultimo nascido na India, mas nem por isso menos exilado ali, português como era pelo sangue e pela educação) — se encontram, dispersos, alguns traços fulgurantes de exotismo, é só para tomar mais pungente pela evocação

do meio-hostil de inadequado pela sua estranheza á perfeita floração das almas — a impressão geral da tristeza — da irremissivel tristeza de todos os exílios.

Veio tôda esta divagação a propósito de dizer que ainda é Macau a única terra de todo o ultramar português, em que se pode ter, até certo ponto, a ilusão de se estar em Portugal, essencial ao exercicio por portugueses da sua especial actividade imaginativa... Para concluir contra toda a tradição e contra tôda a evidência histórica, que tenha sido escrita ou concebida em Macau uma parte considerável da vastissima obra poética de Camões? Seria verdadeira loucura.

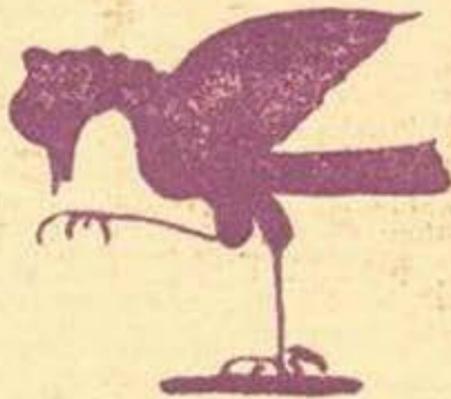
O génio de Camões alimentado embora exclusivamente da seiva que trouxera da Pátria — da imagem viva da sua paisagem, da lembrança minuciosa e fiel dos seus costumes, da sua história, das suas lendas, das suas crenças, da sua cultura scientífica e, literária — teve pujança bastante para triunfar dos meios mais adversos, para resistir aos mais implacáveis factores de preversão e de atrofia. As suas composições são datadas (indirectamente datadas) dos mais diversos pontos e dos mais inclementes climas — da África e da Asia por onde no século XVI se estendia o imenso império português e se despendia a exuberante energia da raça portuguesa. Muitas das obras primas do seu lirismo, das mais tipicamente nacionais pelo acentuado tom elegíaco de que estão impregnadas, brotaram na India do seu coração saudoso; e uma delas, das mais comoventes e das mais conhecidas, nasceu entre essa penedia sinistra da costa do Mar Vermelho; dessas nuas penedías incandescentes, que escaldam os pés a quem ali desembarca e parecem vistas a certa distancia, formadas de escumalha de ferro.

Mas a terrível acção depressiva do clima e do ambiente físico e social dos países tropicais, se não tiveram poder contra a assombrosa vitalidade criadora do poeta máximo, têm-nos, todavia, não só para esterelizar em cada um de nós outros, os pigmeus que a quatro séculos de distancia o contemplamos, o pouco de aptidão versificadora que algum tivessse, mas ainda para destruir, mesmo nos melhores dotados, a comezinha parcela de imaginação de que é indespensavel dispor quem intenta evocar a estatura do gigante, o seu esvelto perfil e a sua figura augusta. E, pois que Macau, não só pelas suas condições climáticas mas tambem como mais remoto padrão da acção portuguesa na Asia, é o palmo de terra mais próprio para essa evocação se fazer, natural é que, à semelhança do que sucedia com os mais célebres santuários pagãos, situado cada um dêles em terra ilustrada por algum episodio da vida de divindade a que era dedicado, seja em Macau o santuário nacional — pan-lusitano — consagrado ao génio do poeta, e que a Macau a biografiia dêste particularmente se refira.

É a Gruta de Camões, com o seu scenário irremediávelmente mesquinho, — mas susceptivel, a-pesar-disso, de correcção em muitos dos seus efeitos — êsse logar sôbre todos prestigioso, dedicado ao culto de Camões, que é tambem o culto da Patria. Culto e prestigio que não podem extinguir-se em-quanto houver portugueses; e em-quanto não se extinguirem, há-de ser verdade intuitiva, superior a tôdas as investigações históricas, que o maior génio da raça lusitana sofreu, amou, meditou, em Macau, aqui tendo composto, em grande parte, o seu poema imortal, e que o local predilecto aos devaneios do seu espírito solitário era essa colina, então êrma, sôbre o pôrto interior, junto das penhas com aparência de dólmen em cujo vão foi colocado há anos o seu busto, de proporções reduzidas, fundido em bronze.

Macau, Junho de 1924.

CAMILLO PESSANHA

Contemporanea

nº 3. 3.ª Série

EL ANGEL DE DOLOR
de
EVA AGGERHOLIN

A morte de Soror Thereza do Menino Jesus

«Como eu sou infantil por natureza ..» (Da Historia d'uma Alma).

Nos altos ceus trombetas d'oiro soaram
Quando a Irmãzinha entrou em agonia,
E pelo mundo inteiro perpassaram
Sons cristalinos, que só Ela ouvia...

Morreu, e logo os anjos a levaram,
Em grande festa, para o eterno dia,
Santos e santas gloria a Deus cantaram
E no seu trono o proprio Deus sorria.

Cumpriu-se tudo: á vista de Jesus
Choviam sobre a terra lindas rosas,
Visiveis e impalpaveis como a luz...

Mas Soror Thereza estava triste e bela...
Então Jesus fez-se outra vez Menino,
Pediu licença e foi brincar com Ela.

MANUEL RODRIGUES LEAL.

AS INSTITUIÇÕES POR MARIO DE SAA

O mando ha de reinar, e aquele que fizer calar a voz do mando... é o mando a reinar; porque até para impôr a ausência d'autoridade é preciso impôr, é preciso autoridade! A Desigualdade é a fonte da autoridade, e a autoridade é um principio aristocrático; e a maior circunstancia de Desigualdade ainda é a Desigualdade das circunstancias! «Vida» quere dizer «vencer»; e o quer que vença é sempre aristocracia, e onde quer que outros estão vencendo é que outros estão sendo aristocracia.

Vem a seguir o fenómeno da sucessão, ou da aristocracia hereditaria. Na verdade, estreita é a relação de pae para filho... que não a relação de filho para pae: a vontade de Especie é toda p'ra deante, — e este é o germen do amôr à Eternidade! — E pode, porventura, haver Egualdade onde existe um especial amôr p'ra deante?! O «Filho» é a negação da propria Egualdade, e a Egualdade é a negação do Filho. A Egualdade, absurdo d'alcançar a própria sombra, é o verso a querer tornar-se o inverso!... Depois é o prestigio dos fortes paes a tornar inabalavel o trono dos filhos, e o trono dos filhos a manter o prestigio dos fracos netos.

Deve-se então repudiar o *bom Progresso*, aquela coisa social, como coisa contrária ás leis da Vida?...

— Não ha nada contrário ás leis da Vida! E uma mudança e o inverso duma

mudança, eis um destino que elege!... A mesma coisa pode ser outra coisa, eternamente; pode existir eternamente nova. O mundo não está farto de senhores, o que está farto é de fracos senhores; o Homem olha sempre com admiração para todo o sintoma de poder, e tende sempre a encontrar no seu semilhante o unico creador do Céo e da Terra. O Homem é, antes de mais nada, um sêr religioso; e a religião, que foi a primeira consideração do Homem, como ha de ser, tambem, a sua ultima, — é o amor á Desigualdade, é aquela tendencia a querer encontrar no seu semilhante o unico creador do Céo e da Terra!... Nós, os homens, quer sejamos leitores ou espectadores, encarnamo-nos nos heroes de todos os dramas, temos a ância dos jogadores ao jogo; queremos o triunfo do gladiador que está quási a vencer, e quando desejamos a derrota d'algum deles não é desejar-lhe a derrota, mas simplesmente ambicionar o triunfo do outro. Pois todo o nosso desejo nas pessoas dos outros é o reflexo da nossa propria vontade.

Isto significa que amamos o poder dos imperadores; e se ainda os não amamos é que eles não são ainda os nossos imperadores. E se nos comove a multidão revoltada, se a amamos, tambem, com seu ardente grito de Democracia, é que ela é a negação de Democracia, é o colectivo imperador! Amamos toda a ameaça que faz tremer, porque é sinal de que cumpre o que promete; porque todo o que não cumpre o que promete bem mostra que não é senhor de si, e que ora, pois, muito menos poderá ser senhor dos outros.

Mas o destino do que reina è deixar de reinar; os melhores se tornarão os peiores, e a Vida é a luta pelo mais oportuno;—e devemos nós conservar eternamente as mesmas circunstâncias de reinar? Ah, não; a circunstância maior de Desigualdade ainda é a Desigualdade de circunstâncias, e toda a tentativa d'Egualdade não é senão um renovamento de Desigualdade. Cada mudança é o triunfo d'uma minoria, e o que parece o contrário, é uma excepção á procura duma minoria; é o mando à procura de quem mande!

Nada deita abaixo. A mesma coisa pode existir eternamente nova. Tudo está sempre de pé; inclusivamente essas doutrinas que deitam abaixo: elas estarão eternamente de pé, como de pé estará eternamente aquilo que destróem; está de pé neles próprios, nos que destróem. Os homens cedem, mas os princípios não cedem, — reencarnam!

— Monarquía ou República? — dizem os homens. Duas coisas que parecem muito diversas, e que são afinal uma única com dois nomes,—unicamente uma mudança de posição. (Monarquía é uma fortaleza de medíocres, República uma monarquia d'habilidosos). Monarquía é um povo sôbre outro povo, Requblíca é o apear dos cançados. Até o mais fraco conduzirá o mais forte sôbre si mesmo... *mais forte*, já se vê, em oportunidade! O que realisa a oportunidade duma época è o que se chama a «nobrêza» dessa época. — Como o mais nobre capitão da Edade-Média seria agora um desabilidoso amanuense, — agora, que o sentido de nobrêza está em vêr-se o melhor amanuense! Ha em tudo diversidade e não superioridade; a única coisa superior é o Homem superior.

«Nobreza» quere dizer «oportunidade». Portanto, fixar a Nobreza é um princípio contrário ao princípio fundamental de nobrêza. *Fixar* é a negação de oportunidade. A sucessão hereditária de nobrêza, é, portanto, um êrro d'antiguidade; Monarquia é um êrro de sucessão.

O Homem é um fenómeno de especialidade, e a nobrêza é ainda uma especialidade a dentro do Homem; não é um qualquer coisa mais para o alto, mas um qualquer coisa mais para o lado, — uma determinada oportunidade.

Tudo busca o seu óptimo de condições: alcança-lo, é fazer-se nobrêza, é triun-

far. Conseguir ser oportuno é sêr-se nobre, é calhar no seu óptimo de condições; é sêr natural.

A Monarquía não se impõe, impõe-se! Monarquía é um princípio natural; querê-la, é, portanto, uma vontade artificial à procura do natural da monarquia! O natural não se impõe, impõe-se!

Tambem a nossa dôr de pensadores e artistas, é a busca do nosso óptimo de condições. Mas só realisaremos a nossa nobrêza no dia em que deixarmos de a procurar. A nossa sublimidade só começará no dia em que não soubermos que somos sublimes! A nossa nobreza só existe onde menos esperarmos que ela exista!...

Amar o Passado significa uma coisa, e querer o seu regresso é outra coisa. Estudemos os dois casos:

O amôr ao Passado é a excitação dos contrastes. O imprevisto seduz, e o olhar de relance a mudança dos tempos, é saboroso imprevisto. Não pode haver amôr pelo Passado onde tudo se conserve egual ao Passado. Amar o Passado não é amar a distância do Presente ao Passado, mas um Passado diverso do Presente. Recordar o Passado e deseja-lo, é ambicionar torna-lo Presente; porém o que recorda não vive o Passado, vive o contraste entre o Passado e o Presente. Êsse amôr é a excitação dos contrastes. Portanto, a velocidade é o germen do amôr á História; o *Progresso é a afirmação da História;* amar a História é ter evolucionado. Quando o amôr á História diminúe significa um regresso, e quando augmenta — um progresso. Amar o que passou é ser, verdadeiramente, o que ha de vir; é a subida que encerra em si o germen da descida: as grandes árvores teem profundas raizes; (mas a maioria das gentes é de raizes pequenas; até nisso se parece com o bolôr!).

Mas os que ambicionam a volta ao Passado ignoram a genealogia do afecto histórico: pois que em verdade se aproximassem eles do Passado, e de cada vêz mais dele se afastariam!... O que mais excita o Homem é o anacromismo. — Porventura, não fôra já o Passado tempo presente, e lastimoso zenith como o Presente?

O Tempo nem tão pouco é um intervalo, — é *actual;* outra feição da mesma coisa, evolução, mas sempre actualidades.

Amigo José: Pero-Viegas, Agosto, 1926: Avís: Recebi seu telegrama, e fiquei a pensar na diferença que pode haver entre urgente *e* urgentissimo, *sendo esta ultima a expressão do telegrama.* Urgente *quere dizer* imediatamente; *o que poderá, pois, significar* urgentissimo? *Quererá dizer enviar antes de se expedir a nota de enviar?...*

Vae um assumpto politico. Será oportuno? Se não fôr, ou se fôr grande demais, ou pouco nervoso, ou pouco interessante, ou qualquer outra coisa pouco ou muito, mande dizer, que na volta do correio irá muita coisa á escolha. Isso, foi o que poude copiar esta manhã. Diga-me, da leitura disso, se eu sou monarquico ou republicano; é a charada que se pode propôr ao leitor. Está-me a parecer que não gosta d'isso. Foi a Coimbra, e arranjou?

Peço-lhe que diga ao Celestino que cá estamos; venha quando quizer, mas venha; e venha você tambem.

Seu grande amigo

MARIO SAA.

C A N T I C O

Avé Maria! O sonho que arquiteto
Bole em teias d'aranha, desatina...
Hesito sempre. O habito é morfina
É Ela, o fôgo, a cama, o chão e o teto.

Tenho outra vida, tenho dubio aspecto
Amei. Fui o brinquedo da menina.
Coração... A outra exibe a pele mais fina
Tem outros modos; é um céu completo.

Apenas tenho o que não quero, e quero
A bola de sabão que foge... Canta
Uma voz de sereia enquanto espero.

Apenas a saudade me embaraça,
Venda-me os olhos, tolhe-me a garganta
E é lagrima de chuva na vidraça.

Lisboa, 1926 GIL VAZ.

A PROPOSITO DE AMADIS

BIBLIOGRAPHIA: "Le premier livre d'Amadis de gaule," publié sur l'adition ori ginale por Hugues Vajanay, edit. Hachette, Paris. — "O ro mance de Amadis, por Affonso Lopes Vieira, Lisboa. — "Can cioneiro de Ajuda," por Caro lina Michaëlis de Vasconcellos, II vol. §§ 312-318. — "Littera ture espagnole," por Fikmau rice-Kelly, edit. A. Colin, Paris

O problema do Amadis é, na litteratura portugueza, um problema mysterioso e complexo. E', ainda, um problema de cultura e não de phantazia, de erudição, e não de capricho, de critica e não de sentimentalismo. Portanto, da competencia de eruditos e não de literatos, de estudiosos e não de bisbelhoteiros. Está agora muito em moda, o dar-se, attribuir-se valor nacional ás nossas obras, e á sombra desse valor, dar-se-lhes e atribuir-se-lhes uma intangibilidade irritante. Nada mais facil do que entrar na gloria pela porta do Nacionalismo. Mas a Critica sã impõe que não se abuse do mesmo Nacionalismo, para que este não passe, a breve trecho, de justificação a quantas tolices possam brotar em cerebros fecundos nellas. Comprehende-se que os frades alcobacences tivessem composto autos juridicos, se os compuseram, que servissem de base legal ás pretensoens politicas da Nação, e, hoje, encarado o facto como deve encarar-se, não sejam insultados e maltratados como o foram pelo Romantismo. Mas, invocando esse incidente como exemplo, não podemos nós outros acceitar que, amanhã, qualquer pessoa venha dizer que Portugal foi fundado por Jupiter — o tonante — e que esta theoria, porque é nacional, deve ser indiscutidamente acceite.

O problema do Amadis é, na verdade, um problema nacional? E' na verdade, um problema nacional, o problema das Cartas de Soror Mariana? Será, porventura, problema nacional, o problema dos Paineis, até agora chamados de S. Vicente?

Não percamos o sentimento das proporçoens, e não queiramos chegar ao Ceo á custa de phantazias. Ha, em certas manifestaçoens de Nacionalismo, muito mais de egocentrismo inconfessado, de que de culto desinteressado pela Nação. E assim, obras ha que nós queremos que impliquem o Interesse nacional, porque são nossas, ou á volta dellas temos andado, e não porque, de facto, ellas representem valor insubstituivel no patrimonio intellectual da Nação. Felizmente, Portugal é superabundantemente rico em manifestaçoens artisticas e culturais, para que seja preciso andarmos a impôr os nossos feitos, á admiração de todos, á custa dum valor nacional que lhes atribuimos.

O problema do Amadis está á espera ainda de solução. Demonstra se que é portuguez de origem, que o escreveo o portuguez João de Lobeira? Magnifico: é mais uma obra que documenta os nossos recursos esthetícos. E, então, merece o nosso applauso enthusiastico, o erudito que se abalançar a essa obra, e conseguir o objectivo desejado. Isso é trabalho de erudição pura, de investigação historica e incansavel, de joeiramento de elementos de toda a ordem.

Demonstra-se que o idioma não é nosso, mas é nosso o espirito do Amadis, como pretende o snr. D. José Maria de Cossio? Magnifico ainda, pelo poder de penetrabilidade, de

cosmopolitismo do sentimento portuguez daquella epocha. Isso é trabalho de psychologo, que se me afigura chimerico.

Demonstra-se que ha, no Amadís, coexistencia de elementos diversos, um dos quaes é nosso, portuguez, e que é possivel, como se faz nos palimpsestos, trazer á tona o que é portuguez, destacando-o do que é estranho? Optimo. Mas isso é obra de um philologo que seja ao mesmo tempo um psycologo.

Não era ao problema do Amadis sob esse aspecto, sob esse triplice especto, que nós nos referiamos, aqui ha mezes, incidentalmente, mas sim á tradução que do Romance modernamente se fez, a qual se não foi um mau serviço, foi um serviço inutil.

Pretende o traductor impôr-nos o valor *nacional* da sua obra: seja-nos licito acceitar ou negar esse valor. Independetemente disso, o traductor do Amadis entende que não se trata duma *tradução,* mas duma *reconstituição,* e affirma que nos deu o que «imagina haver sido a primitiva e curta novela portugueza.» E apoia-se, para fazer esta affirmação, em dois passos dum artigo que o famozo biographo de El-Greco publicou na *Revista de Occidente* de Agosto de 1925. Vamos devagar.

Diz o traductor que não traduziu, mas reconstituio. Traduzir não é só «verter as palavras duma lingua, exprimindo em outra o seu sentido»: é tambem, fazer o que o traductor do Amadis fez. Mas na primeira edição da tradução, lê-se, logo na capa, que o Romance de Amadis agora dado á estampa foi «composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira». Na segunda edição, lê-se que o Romance de Amadis é uma «reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras». Quer dizer; o traductor não sabe bem em que consiste a sua propria obra. E' uma *composição* sobre o Amadis de Lobeira? E' uma *reconstituição* do Amadis dos Lobeiras? Na primeira hypotese, o Amadis de Lobeira é uma coiza; o Romance de Amadis agora dado á estampa, é outra coiza, porque é uma composição feita sobre aquelle. Na segunda hypotese, o Amadis de Montalvo tinha dentro de si proprio, o Amadis dos Lobeiras; e o Romance de Amadis é o Amadis dos Lobeiras, liberto dos elementos extranhos. No prefacio com que valorisou o livro, a senhora D. Carolina Michaëlis considera-o rezultado duma excavação. O snr. Cossio considera-o producto da extração da «substancia portugueza» da proza castelhana de Montalvo. Temos então: para o traductor, na primeira edição, *composição* sobre o Amadis de Lobeira; na segunda edição, *reconstituição* do Amadis dos Lobeiras; para a senhora D. Carolina Michaëlis, obra *excavada;* para o snr. Cossio, obra de alchimia. Para nós, é, apenas, traducção litteraria truncada arbitrariamente. Note-se que a douta Prefaciadora do livro chama-lhe, logo de entrada, *interpretação moderna, synthetese artistica,* e, mais adiante, diz que a obra exigia «intuição luminoza e gosto seguro». Os adjectivos são de quem os dá. Ficamos portanto nisto: é uma «interpretação feita por intuição e por gosto». Gostos não se discutem: quer dizer que são todos discutiveis; por intuição, muitas vezes se erra. E comparando-se as duas ediçoens da traducção, a gente não sabe quando a intuição acertou, e o gosto não trahio. Repare-se em que o traductor, na segunda edição, eslarece que fez modificações e que o segundo texto «poderá ser considerado definitivo». *Poderá ser* — tem graça. Mas não nos explica porque diz que o Amadis de Gaula *é dos Lobeiras.* Uma affirmação tão categorica exigia uma elucidação erudita.

De quem é o Amadis de Gaula? de João de Lobeira? de Vasco de Lobeira? de Montalvo? Do auctor «d'ung vieil livre escript à la main en langaige Picard sur lequel j'estime que les Espagnolz ont fait leur traduction, non pas du tout suyvant le vray original» como diz Nicolas de Herberay, seigneur des Essarts, á frente da edição de Amadis de 1540? Dos dois Lobeiras, como pretende o traductor do nosso tempo, na segunda edição da sua obra? Dum auctor anterior a João de Lobeira, não sendo o Amadis deste mais do que uma redação do Amadis do outro? Qualquer resposta terminante requer largo e copioso fundamento. O traductor é cathegorico ao attribuir aos Lobeiras, o Amadis de Gaula, mas não nos diz as suas razoens.

Affirma, ainda, que nos deo o que «imagina haver sido a primitiva e curta novella portugueza». Imagina, porquê? Não ha o direito de levantar uma questão desta natureza, sob o fragil, movediço, inconstante fundamento da imaginação. Se se trata duma reconstituição, composição, traducção imaginaria, o seo valor é nullo,e ninguem pode invocar o seu *valor nacional,* porque os valores nacionais não são imaginarios: são reais, positivos. E porisso, porque a obra que estamos discutindo é de imaginação, é uma, na primeira edição, e outra, na segunda edição. E assim se comprehende que o traductor affirme que o texto desta segunda edição «poderá ser considerado definitivo». Com a imaginação a trabalhar — que será feito do Amadis de Gaula, atravez deste traductor, daqui a uns annos? Mas se se trata da «primitiva e curta novella portugueza,» — como é ella dos Lobeiras se tão distantes são, no tempo, um do outro? E' tudo obra da imaginação...

Quanto á opinião do snr. José Maria Cossio — eu conheço o artigo, e lá não está bem o que o traductor nos faz suppôr, citando as palavras que cita.

A these do snr Cossio e esta: o espirito portuguez pedio ao idioma castelhano o seo poder difusivo, e vestido nêsse idioma por Montalvo, percorreo o mundo. Que fez o traductor? Buscou, na prosa de Montalvo, a substancia portugueza. E affirma isto que vai em hespanhol: «no podemos rendir-nos a la pretension, si el nuevo poeta la tuvo, de que su libro sea una restitución del primitivo Amadis portugués; son falibles estos intentos, y más cuando descanso sobre bases tan queridas». Depois disto, é que vem a galanteria do «Amadis de tan buena cepa portugueza como el primitivo» — o qual primitivo, nem o snr. Cossio, nem eu, nem ninguem conhece, para que possamos servir-nos delle como termo de comparação.

Resta a discussão sobre a felicidade ou infelicidade com que aquella «substancia portuguesa» foi extraida da prosa quatrocentista de Ordoñez de Montalvo. A unica posição que a critica responsavel pode adoptar é a da duvida methodica. A substancia portugueza... Que é isso de substancia portugueza duma novella de cavalaria do seculo XIII, cuja redação primitiva «nunca foi estampada, nem se conservou manuscripta», e de que se conhece tão sòmente, a redação castelhana de 1508, parece que cheia de interpolaçoens? Onde estão os romances de cavallaria lusitanos coevos do Amadis que nos habilitem, pela sua interpretação, a construir a sua psyche portugueza de então, de forma a podermos criar um modelo que se possa encontrar ou não atravez da prosa de Montalvo? Tudo isso é um mundo de caprichosas conjecturas que não podem ser tomadas em conta pela critica responsavel.

E assim a traducção que se discute não é obra de erudição: é, quando muito, obra de litteratura amena, obra de imaginação, com deslises lastimaveis de forma, o que não é de estranhar em quem não hesita em escrever este exemplar de cacophonias: «e vós que amais com amor heroico e fiel, que amais o amor...».

Gostavamos de saber porque foi que o traductor se afastou, ao transcrever a cantiguinha da Leonoreta, da lição de D. Carolina Michaëlis, para adoptar a de Theophilo Braga, em parte.

Quanto ao processo da traducção, basta cotejar a traducção franceza de Des Essarts com a portuguesa, para se vêr que se trata duma reducção ou simplificação sem outro criterio que não seja o do palpite ou o da imaginação. Portanto, muito longe da obra de valor nacional que se nos quer impôr.

Estando a tratar de traducçoens desta natureza, podiamos entrar na analyse da *Diana*, de Jorge de Monte Mayor, do mesmo traductor do *Amadis*. Largas observaçoens teriamos a fazer. E para se vêr que tinhamos todo o direito a formulal-as, basta reparar nesta estrophe da *Diana:*

> «Con zelos como a su meza,
> Y en su cama estoy acostada,
> Si le pido de que ha zelos,
> No sabe responder nada.»

que o traductor dá assim:

> Com zelos como á sua meza
> e estou na cama encostada.
> Zelos de quem? lhe pregunto:
> não sabe responder nada.»

Só por um excesso de imaginação é que se pode traduzir o *acostada*, por *encostada*. Porque se não troduziu pelo nosso *acostada?*

Diz o poeta da *Diana:*

> «Quise bien, y fui querida
> Olvidé, y fué olvidada...»

E o traductor portuguez:

> «Quiz bem e fui mui querida,
> esqueci, não fui lembrada...»

Peço perdão: «esqueci e fui esquecida» que é o que está escripto no original, não é «esqueci, não fui lembrada», como está na traducção, porque ser esquecido é muito diffe rente de não ser lembrado.

Voltando ao Amadis — do que a Litteratura portugueza precisava era de que se lhe desse uma edição critica da Novella, á maneira do que fez para os *Lusiadas*, o snr. José Maria Rodrigues, e para Gil Vicente, Bernardim e Falcão, a senhora D. Carolina Michaëlis, e do que estão fazendo os doutos da Sociedade de edição «Les belles lettres», de França. Porque o Amadis é um manancial para o Erudito.

ALFREDO PIMENTA

Num Convento das CYCLADES...

N'um convento das Cyclades,—delicia!—
ir professar...
Convento com terraços e com «pérgolas»,
bem debruçado, a pique, sobre o mar.

Conto de dôr, como uma historia de ama,
lêr sob os laranjaes, os Evangelhos;
e morder-lhe os frutos côr de chama
á hora em que outros rezem de joelhos.

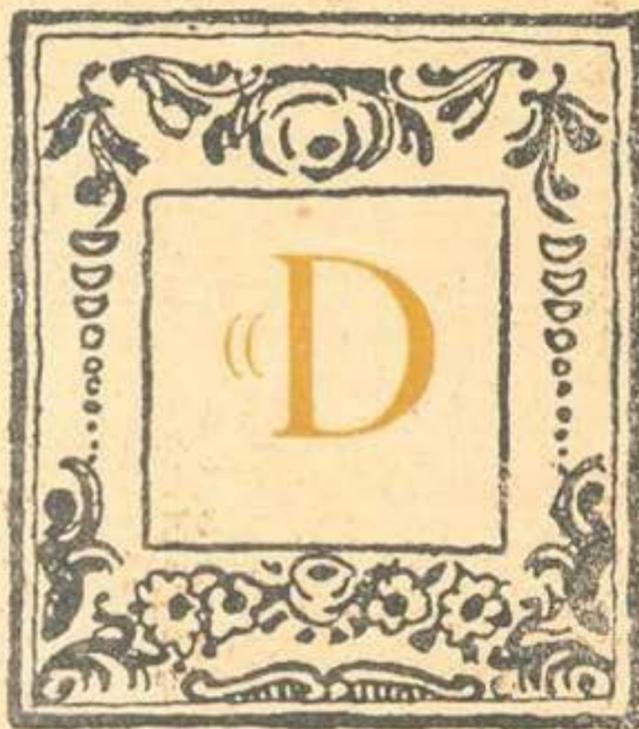
Na egreja byzantina do convento
os oiros dos mosaicos morreriam
numa caricia musical que lento
os meus olhos ingenuos beberiam.

Meio-tonto de sol e de marulho,
e dos psalmos da egreja e dos do vento,
não saberia, sob os soes de julho,
como é que vim a entrar nesse convento.

No convento das Cyclades, com vinhas
em esteios de marmore, a doirar...
Convento com terraços e com «pérgolas»,
sobre o esmalte purissimo do mar.

ANTONIO PATRICIO.

O Misticismo Na FILOSOFIA ORIENTAL De Rabindranath Tagore

I

DIA a dia — oh Senhor da minha vida! — permanecerei diante de vós, face a face?

Com as mãos juntas — oh Senhor dos Mundos! — ficarei diante de vós, face a face?

Nêste teu laborioso mundo, no tumulto dos trabalhos e das lutas, estarei eu diante de vós face a face?

E, quando acabar o meu trabalho nêste mundo — oh Rei dos reis! — permanecerei eu diante de vós, face a face? [1]»

Vendo Deus em toda a parte e confirmando um conceito de imortalidade, Rabindranath Tagore, desenvolve os princípios fundamentais da sua filosofia no tríplice aspecto do seu misticismo: a alegria de viver; o amor da morte e a resorpção final em Brahma. Do amor pela humanidade deriva o amor a Deus, havendo apenas, entre um e outro amor, uma transição ocasional.

Tagore aspira á unidade suprema, que é a verdade. E esta verdade — diz — não é só de conhecimento, mas de devoção. [2]

Aquele que se deixe prender demasiadamente pelos bens terrenos, exibindo a vaidade de falsos ouropeis; os ricos de espírito, nunca poderão realizar a perfeita harmonia entre o homem e a natureza de que há-de derivar uma inalterável união com Deus.

Tagore protesta contra o falso conceito de alguns filósofos da Europa que sustentam, que o Brahma da India é uma mera abstracção, a negação de tudo o que existe no mundo; numa palavra, que o ser infinito só se encontra nas metafísicas.

Este princípio os índios nunca o aceitaram porque defenderam sempre a ideia da presença do infinito em todas as cousas que teem sido a sua inspiração. [3]

«Tudo no mundo é cercado por Deus:

Içāvāsyamidam sarvam yat kiñcha jagatyāñ jagat.»

A doutrina do Upanishad, é o canon moral de Tagore:

«O ser que, na sua essência, é a luz e a vida de tudo, consciência universal — chama-se Brahma. Sentir tudo, ser consciência de tudo, é o seu espírito.

Estamos imersos na sua consciência, corpo e alma...»

Bem sentiam os *Rishis* que afirmavam ser a vida a morte, porque não descobbriam oposição essencial entre a vida e a morte e, por isso, escreve Tagore — «saudavam alegremente a vida no acto de aparecer, como a saudavam quando partia.»

A vida é, pois, una e permanente «como á superficie do mar as ondas no seu movimento eterno.» O Upanishad diz que o ser supremo invade tudo e é um bem inatto em tudo. [4] Por isso, a vida é imensa:

Life is immense!

Conhecer a nossa alma distinta do eu — escreve Tagore — é o primeiro passoo para a realisação da libertação suprema não esquecendo nunca que, essencialmente, somos esspirito.

Um principio de perfeição leva o homem a desejar a unidade activa da sua alma, relacionada, socialmente, na literatura, na arte, na sciência e na religião.

Os «Revealers» [5] traduziram o conceito de alma no amor pela humanidade qque os levou a suportar a calúnia, a perseguição, e até a morte, tudo em serviço do Amor.

Viveram a sua alma e não o seu corpo e por isso lhes chamaram os homeens da grande alma — «the men of the great soul» —.

(Continua)

LUIS DE CASTRO NORTON DE MATTOS

1 — R. TAGORE, Gitanjali, indian edit., pág. 70, p. 76.
2 — TAGORE, Sadhana, Tauchnitz edit, p. 40.
3 — Ibid. p. 39.
4 — Ibid. p. 48: «. . . In the Upanishad it is said, *The supreme being is all-perbading, thereffore he is the innate good in all.* To be truly united in knowledge, love and service witt all beings, and thus too realise one's self in the all-pewading God is the essence of goodness, and this is the keynote of the teachingss of the Upanishads: *Life is immense!*»
5 — Ibid. p. 57.

PRIMAVERAL

Blanca primavera, llena de ilusiones,
cuando purifican todos los caminos
con sus azucenas y sus albos linos,
las frescas guirnaldas de las comuniones.

¡Primavera niña, virgen de pasiones!

Mis plantas hollaban tu claro sendero,
mi pecho gemía
buscando un lucero
y mis azucenas se quedaron frías,

Luego, tu viniste, primavera loca
y la teoría de las desposadas,
ofrendando azahares, en sus rojas bocas,
desfiló pausada.

¡Primavera ardiente de las desposadas!

Cruzé tu arboleda gozosa de trinos
llevando muy prieto, mi ramo de nardos:
su olor penetrante, ungió los caminos
y huyeron del vicio los cien leopardos.

Y al fin has surgido, primavera quieta
meciendo callada, mi timído anhelo,
primavera tibia, novia del poeta,
llama que dispierta
mi pecho aterido por rigídos hielos.

¡Blanda primavera de mi oculto anhelo!

Mi nardo florido inciensa la vida
y va estremecida
por hondo temblor
plegando sus flores mi casta azucena,
para bendecirte, primavera buena
que traes a su calíz un nuevo rubor.

ERNESTINA DE CHAMPOURCIN

ESCREVER E LER

PELO DR. COELHO DE CARVALHO, ANTIGO PRESIDENTE DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS E ANTIGO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OÃO DE DEUS, poeta altissimo e pedagogo illustre, na Prosodia Portugueza, livro postumo, deixou-nos esta afirmação:

— «Sem o conhecimento analitico da fala, não podemos ter o conhecimento analitico da escrita.»

Na verdade, só se escreve aquilo que se fala; que escrever é, por figuras lineares, (as letras), representar palavras, *series integraes de vozes articuladas*, afim de, pelo sentido da vista, saber-se o que as palavras representadas dizem.

Portanto, vermos a palavra equivale a ouvirmol-a pronunciar.

Porventura, a função fisiologica da vista será a mesma que a da audição?

Não, por certo. Mas á vista das letras formando silabas, dispostas em grupo, ou em serie de termos continuos (e a serie integral constitue a palavra), produz-se em nosso cerebro, o *conceito*, sinthese, do qual essa palavra, quando dita, é a exteriorisação natural. A formação da palavra nas linguas indo-germanicas é dramatica; isto é resulta da enscenação de elementos psichicos concorrentes. O conceito produzir-se-hia em nosso cerebro, se a sua representação grafica não fosse natural?

Não creio. Porque se artificial fosse, ninguem teria memoria tamanha que retivesse em constante segurança tam variadissimas figuras de pura convenção; e seriam tantas quantas as nececessarias para se lêr tudo quanto se dissesse; isto é, para serem lidos, com comprehensão conceitual, os milhares e milhares de vocabulos. E' o caso da escritura chineza, em que cada palavra é representada por uma letra. Para toda a gente, e ainda para os de maior inteligencia, a incerteza não deixaria de surgir frequente.

ORIGEM NATURAL DA GRAFIA LITERAL

Ao contrario, do que, em tempo pensei e escrevi, estou hoje convencido de que a nossa escritura é natural, visto ser:

a) — a palavra constituidas pelas *vozes*;
b) — e cada *voz* ser um *som*;
c) — e este *som* resultar do movimento, deslocação de corpo; e toda a deslocação risca no espaço a linha de movimento do corpo que se desloca: e as ondas sonoras teem o seu diagrama, o seu *grafico* nas letras.

Sem duvida a observação primeiro casual, depois propositada, de que, de certos e determinados movimentos das faces, dos labios e da lingua (gestos) resultava ouvirem-se as silabas, ou sejam os sons defenidos, os quaes sendo articulados, formando serie, entre dois silencios, ou suspenções automaticas da voz, constituem a palavra, foi que aos homens, sugeriu a ideia de figurar graphicamente esses sons irreductiveis da palavra, silabas, pelo desenho das linhas essenciaes dos movimentos das peças do aparelho vocal que os produziam, para que transmitissem aos outros o seu pensamento, sem presentes estarem.

Mais tarde, na sequencia natural da primeira sugestão visual, foram-se as letras tornando de mais em mais prefeitas co'a apuração dos motivos essenciaes das linhas do movimento das peças do aparelho vocal, (gestos), e, como esses gestos são possiveis só em numero limitado, as letras consequentemente tambem só em numero limitado poderão ser, nas suas multiplas combinações, abandoando-se as *vozes* aos varios sistemas de consonantisação, os quaes tambem em numero limitado são.

ORIGEM E FORMAÇÃO DAS SILABAS E DA PALAVRA

A *emoção*, sobresalto da alma, movimento intimo do ser, (provindo de sensação, cerebrisada ainda vagamente em sentimento, ou já definitivamente em ideia), é que, da ideia ou do sentimento idealisado, determina, automaticamente, a exteriorisação pelo *gesto* ou pela *palavra*.

E a palavra, é tambem *gesto*, visto ser a resultante sonica de uma serie de movimentos automaticos da *laringe* e da *boca*.

Dentro da serie sonica, *(a palavra polisilábica)*, os respectivos termos, as *silabas*, articulam-se pela instantanea simultaniedade da ultima vibração d'uma silaba com a primeira vibração da que se lhe segue; e assim, sucessivamente de uma para outra silaba, até que se dá, na laringe, a suspensão mais ou menos prolongada do movimento de emissão do *som*: de sorte que a vibração da ultima silaba da palavra, já se não articula com a primeira vibração da primeira silaba da palavra seguinte.

E tal suspensão realisa-se tambem automaticamente, logo que se completa a palavra pela *revalação* total dos elementos sonicos que correspondem aos elementos ideaes que se hajam integrado e formado o conceito que uma palavra exteriorisa.

Os elementos sonicos, d'uma palavra articulando-se, integram-se na resonancia irradiante da silaba tonica, a qual corresponde ao elemento da ideia primacial do conceito. E é assim que nasce *viva* e *una* a palavra.

Os outros elementos, representados nas outras silabas, duma palavra, são como membros que se ligam ao tronco, completando a individualidade do ser, cujo corpo todo uma corrente sonica percorre.

E' por esta especie de actividade irradiante da *voz predominante*, que uma serie de silabas articuladas se torna *verbum*, a *palavra*, e toma concretamente caracter de individualidade ideal e sonica.

Ora, exactamente, porque a *palavra* é uma individualidade, não a podemos nunca chegar a ler, se pretendermos dizel-a nomeando letra por letra; nem mesmo silaba por silaba, embora a palavra seja constituida organicamente por silabas, e por letras figuremos estas.

Do que atraz dissemos, se evidenceia que a unidade — *palavra*, — é o producto de dois factores, os quaes, só quando copulados, aparecem com a mesma natureza da unidade sonica que produzem.

E estes factores simultaneos são:

1.° — a sucessão das articulações sem interrupção alguma, nem sequer por incidencia do menor silencio, entre os termos da serie silabica que constitue a palavra;
2.° — a integração de todos elles na radiação da *voz predominante*.

DA SOLETRAÇÃO

Ensinar a lêr a palavra, não toda, de um jacto, mas separando as letras, soletrando, é pois um disparate, mesmo considerando mecanicamente o caso. Nem sequer todas as letras representam os elementos basilares da palavra, *as vozes*, as quaes são tam somente como todos sabem, as representadas pelas cinco figuras, letras.

Já simplesmente, sem mais signaes, já com a vária acentuação das diferentes tonalidades, já geminando-se algumas para formarem as vozes compostas ou ditongos; e estes são unicamente

ao au ei eu iu ou oi ui

Todas as outras letras, as chamadas geralmente *consoantes*, não representam *vozes*, mas movimentos, tambem em numero certo que dão direcções especiaes á massa sonora do ar emitido por devolução automatica em cada *voz*; e por isso, a modificam; e nada mais.

Isto basta para mostrar que a soletragem, não pode levar normalmente á leitura, antes prejudica a possibilidade de o alumno vir um dia, a ter a perfeita vocalisação das silabas.

DA SILABAÇÃO

Apesar das silabas serem os elementos irreductiveis do vocabulo, empregar o metodo de ensinar a lêr separando-as previamente para, feito isto, dizer *a palavra*, não é erro menor; por quanto, tal separação de silabas importa a quebra da continuidade sonica da serie integral; e é certo que pela lei natural da formação da palavra, não ha jamais solução de continuidade sonica, dada a articulação necessaria dos termos de uma serie verbal; visto que a emissão de *sons* (já o dissemos) só se suspende na laringe quando a exteriorisação do conceito se completa e a palavra é dita.

Demais a mais, por tal sistema, destroe-se o incoercivel laço que liga os termos continuos da serie em unidade, na resonancia da silaba tonica, a qual, pela sua situação em relação a cada uma das outras, no espaço e no tempo, é que determina e dá a fisionomia á palavra, d'ahi provindo a acepção d'esta.

Ainda que ao fazer-se a separação das silabas, se digam, tanto a *predominante*, como as outras, com a *tonalidade* que na palavra tenham, o facto só de as separar altera o tempo que na pronunciação de uma silaba deve haver, considerando cada uma em relação á pronunciação das outras, e esta alteração, basta para impedir o efeito da radiação da *predominante* no tempo minimo necessario á pronunciação de todas as outras.

Nem a *quantidade* é coisa indeferente na integração das silabas para constituirem palavra.

Dizel-as pois seperadamente é destruir a individualidade da palavra, da qual a *silaba tonica* é a alma, *anima vocis*.

Se isolamos das outras *a predominante*, a palavra morre; não ha mais palavra; ha apenas silabas soltas.

Vêr ou dizer silabas não é lêr, porque as silabas por si isoladas entre silencios, embora momentaneos, não exprimem conceito algum.

A prova da verdade do que afirmamos está em que as mesmas silabas reunidas em serie, e articuladas, dão palavras diferentes sempre que é diferente a ordem em que se sucedem na serie, exemplo: - *taco* e *cota*. E ainda quando essa ordem é a mesma, a significação da palavra varia; exemplo: — *varia e vária, hábito e habito,* se a silaba predominante não fôr a mesma.

Quem supuzer que foi por ter dito, uma a uma, as silabas da palavra, que logo pode preferir esta, ficando portanto a saber lêr, engana-se. Nem podia deixar de enganar-se, porque, de facto, fazendo a separação não reconstituiu a palavra; pelo contrario, desorganisou-a, pois quebrou a continuidade da articulação de cada silaba no seio da *radiação* activa da silaba tonica.

A' INTEGRAÇÃO PSICHICA CORRESPONDE A INTEGRAÇÃO SONICA

A razão porque disse a palavra foi outra.

Como a palavra é obra movimental da emoção conceitual que determina a exteriorisação da ideia, conserva sempre, como toda a obra vivida, a expressão da vida que a originou, e, a um momento psicologico preciso, devolve-a de si, fazendo que o cerebro dos que virem as linhas dos movimentos que deram o resultado sonico respectivo vibre, n'uma comoção identica á emoção que originalmente havia obrigado a ideia a exteriorisar-se na palavra que se achar escrita, a qual primeiro que se escrevesse, fôra dita: e a luz faz-se; o conceito define-se; e a palavra é proferida.

E' sobretudo uma emoção, identica a que originara a palavra, que, sugerida pela vista da sua signalisação integral faz que, em dado momento, automaticamente se repitam os mesmos movimentos do instrumento vocal, que antes haviam produzido oralmente a mesma palavra.

METHODO INTEGRAL

Parece-nos, pois, que o verdadeiro methodo para se chegar a lêr, consiste em aprender primeiro como se formam no aparelho vocal as *vozes*, as silabas, que constituam serie integral entre duas suspensões de emissão do *som* na laringe, serie que só é *palavra*, corpo com alma, pela corrente sonica que se estabelece entre as silabas articulando-as, e que, ao mesmo tempo, resulta das respectivas posições dos termos na serie ininterrupta.

E, a passo egual, cumpre conhecer tambem quaes as linhas dos diferentes movimentos que as peças activas do instrumento vocal executam para a produção e *consonantisação* das *vozes*, e ainda as dos movimentos que a *materia* do *som*, a massa do ar expirado, opera no caminho para a sua vocalisação.

Essa massa gazoza, *materia do som*, vem a tomar sempre, se bem que por instantes apenas, alguma das cinco formas diferentes

a e i o u

em resultado da sua passagem pela abertura da boca: e a boca pela sua disposição anotomica, só em estas cinco posições pode ficar aberta.

E cada uma d'estas formas, que a massa gazoza vocalisada é obrigada a tomar, ainda podem ser modificadas pela acção das peças activas da boca, lingua, faces e labios ou pelo embate com as paredes das cavidades da faringe e do deverticulo da laringe, e ao mesmo tempo com o ar, que ali encontra. Essas modificações são as consonantisações.

Com os motivos essenciaes das diferentes linhas dos movimentos das peças da boca e as das formas com que os volumes de ar expirado em silabas soam, ao articular-se serialmente, é que se figuram afinal linearmente, as letras.

Isto equivale a dizer, que no ar a fala vae escrevendo as letras, formando os diagramas das respectivas ondas sonoras; e aqueles diagramas, — as letras —, desde que tenham *cor*, — a *tinta* que os indica para a vista—, dão ondas luminosas, e, de facto, passando estas atravez do aparelho visual, vão volver-se de novo em ondas sonoras; e, assim, vendo-se o diagrama do *som*, ouve-se no cerebro o mesmo som.

Quem conheça pois as linhas dos movimentos das peças da boca consonantizando as vozes e produzindo silabas, e as cinco formas que a materia sonica, o *som*, o ar expirado, toma nas vozes constituindo a fala, certamente escreverá com correcta ortografia, a ortografia natural, o que pensar e repetir oralmente; e certamente saberá desde logo lêr quanto vire escrito, porque vêr as linhas essenciaes figuradas, d'essas formas e movimentos, a lembrança completa-se e sugere-lhe os mesmos movimentos do aparelho vocal, e o conceito que esses movimentos exteriorisam produz-se, logo por reflexão, e sem confusão alguma, no cerebro. E' o mesmo fenomeno dos *surdos* entenderem só pelos movimentos dos labios e da fisionomia das pessoas, com que vivem mais assiduadamente, quanto essas pessoas lhe dizem.

E' este o methodo natural e historico que nos parece dever restabelecer-se para facilmente se aprender a lêr, porque se aprendeu a escrever primeiro.

Por certo, aquele que primeiro no mundo escreveu a fala, disse-a antes que a escrevesse, e escreveu-a para ser lida.

A escrita precedeu a leitura.

Por isso cumpre aprender, primeiro, como se produz

a fala;

para se poder

escrever,

e saber-se

Lêr.

Continua

Coelho de Carvalho

G N O M O N

A RAUL LEAL

A Alcacer de mim... Hei-de canta-la!...
Grifa-la a oiro, para grita-la a Deus
Que misterios me divinisam!... Meus
Sentindos ensinar-lhe-hão-de a fala

dos meus trofeos, em que a Dôr é gala
de giria gama e adaga que degola
e gasta o velho engaste, que d'opála
maga, trago gala na grande auréola.

Sinistras mãos hão-de grifá-la com
Sangue de Judas, cruciado aqui.
E então, hei-de morrer-me som,

Sagrado vi alem-sombra de Tanagra
de certa Salomé, que sendo em Ti,
nasce em mim e alem de Ti me sagra

LISBOA — 926

ANTONIO DE NAVARRO

FLÔR DE ALECRIM

I

OI num domingo de Paschoa, ao entardecer, que o Morgado dos Pizões fechou para sempre os olhos, numa infinita bemaventurança, sem um sobresalto ou o estremecimento de um musculo, como uma luzinha de azeite que se extingue. Ninguem da casa lhe assistiu ao ultimo instante; ninguem póde testemunhar se soltara um suspiro de alivio por ter tido a consciencia de que se acabara o seu penar. A governante, os criados, e até a pequenina Maria da Luz, estavam desde as quatro horas, mal se levantara a mêsa do jantar, debruçados nas varandas da sala rica, de onde pendiam colchas antigas de damasco e sêda pespontada, esperando a a passagem da procissão. No ceu transparente e luminoso estralejavam foguetes deixando no ar pequenos novelos de fumo branco e despedindo sobre os telhados as suas finas e compridas canas. O sol batia ainda nos mirantes caiados, nas chaminés, nos pardacentos torreões das muralhas, e casando a sua alegria com o repique molhado dos sinos, dava um ar de festa a toda a vila. Na Praça, ao fundo, as janelas das velhas e fidalgas moradias viam-se excepcionalmente povoadas e enfeitadas tambem de colgaduras; a calçada irregular desaparecia sob um fresco tapete de junco da ribeira, e os rapazes, em ranchos alegres, na roupa de vêr a Deus e quentes do vinho, cantavam á porta das vendas. Mais tarde, ao saber-se da morte do morgado, affirmou-se que elle deixara serenamente a vida quando o pállio passava por debaixo das suas janellas, no momento preciso em que os servos ajoelhavam, fazendo ajoelhar a filha E houve mesmo quem acrescentasse que, entre as pombas do seu quintal que fugiam assustadas pelos metais da filarmonica e o estalar dos foguetes, vira uma pombinha branca, mais alva que nenhuma outra, subindo, acima de todas, para o ceu... O certo é que foi passada a procissão com os seus andores enfeitados de mentrasto e junquilhos, os seus altos guiões de quatro borlas, os seus anjinhos com asas de papelão doirado e as respeitadas irmandades de azas brancas, azues e vermelhas, que a velha Josepha, chegando-se ao amo para lhe aconchegar nos hombros o chale-manta, deparou com elle já sem vida, como se tivesse adormecido na sua cadeira de bruinho, junto á brazeira. Toda a casa se alvorotou aos gritos da serva, mas logo cahiu em dormente silencio: as janelias foram cerradas e recolhidas as colchas; os lenços de sêda e os aventais garridos das moças foram substituidos por signais de luto; e conduzido o mórto para o seu alto leito de bancos, foram-lhe piedosamente postas as mãos em signal de prece. Só depois de todos estes lentos arranjos a senhora Josepha, a governante, ajoelhando á cabeceira do defunto, deu n'um grito o signal do pranto:

—Meu amo da minh' alma, meu rico amo! Ai! que me levaram o meu rico amo!

E um verdadeiro clamor de carpideiras fez-lhe côro, reboou na casa, encheu a rua:

—Ai que desgraça, que grande desgraça! Morreu o pae dos pobres!

Abriu-se a porta da rua e a visinhança entrou de roldão, curiosa de ver a casa sempre fechada, o aparato, e apreciar tambem o sentimento dos familiares. Os gritos avolumaram, o choro redobrou, alliviando a velha governante, consolada. que poucas vezes vira «um pranto tão bonito». Acende-

ram-se velas. E na lareira, as comadres e as afilhadas começaram a depenar galinhas e a preparar o café para se confortarem de noite as pessoas que velassem.

A pobre Maria da Luz com os seus oitc anos mal desabrochados, sem comprehender bem aquelle espectaculo, abandonada por todos, fugira para o quarto dos brinquedos — e chorava ainda, inconscientemente, apertando nos braços a sua boneca preferida, quando, pelas nove horas, foram ali busca-la para lhe tirarem as medidas do vestido preto.

No dia seguinte, entre duas filas de brandões ardentes, sem pompa nem estado, com um acompanhamento de pouco samigos velhos, creados e mendigos, o morgado foi sepultado em campa raza, conforme sua expressa vontade, no pequenino cemiterio da vila. Uma simples encomendação do velho parocho, muito abreviada pela sua falta de vista,—e lá o deixaram sob a terra humida, á sombra de ciprestes e rozeiras, ao lado do jazigo de mármore do seu feitor.

Todavia a pequena Maria da Luz ficava aos oito anos herdeira de uma fortuna ainda superior a trezentos contos. Não fôra por falta de recursos ou por presentir a ruina que o velho fidalgo quizera ser na morte egual ao mais humilde dos seus servos e tomara nos ultimos anos da sua vida habitos tão modestos, isolando-se do mundo em que vivêra e brilhára. Desde a morte da mulher que um grande desgosto o minava. Casara tarde com uma linda rapariga que lhe despertara um grande amor — e em dez anos de ardente paixão gastára todas as suas energias, queimara os nervos, esgotára o cerebro, dissipara todas as forças fisicas e moraes. A morte roubara-lha impiedosamente, antes da sua decrepitude, na hora em que florescia no mundo Maria da Luz, a primeira filha, o maior anceio de toda a sua vida. Mas já sucumbindo á dôr de perder a mulher, ficou muitos mezes sem alento e sem gosto para nada. Nem a propria pequenina, que já começava a abrir os seus sorrisos claros, lhe dissipava as sombras do espirito. A's vezes, nos dias de crise, olhava-a com rancor, como que atribuindo-lhe a morte da mãe. E depois, sentindo a monstruosidade do seu egoismo, desconhecendo-se dentro dos sentimentos novos que lhe agitavam o coração e o cerebro, chorava longas horas, até cahir num abatimento que ás vezes o prendia ao leito por largos dias. Ao fim de três anos passaram as crises, vindo-lhe por tudo e por todos uma absoluta indiferença, que o medico dizia ser o começo de um amolecimento cerebral. Já então a pequenita, creada ao ar livre sem cuidados de mãe, de sucia com os filhos da creadagem, punha a casa em movimento, vinha anichar-se-lhe entre os joelhos e provoca lo com as suas travessuras. Mas a saudade, o desespero louco do amante, tinham aniquilado, logo ao despontar, o sentimento paternal: — e mal sorria, da profundidade da sua dôr, áquelles olhos limpidos que o fitavam curiosos. Nunca a sua boca tremula e crestada pela febre tocara as faces rosadas da pequenina. Todas as suas caricias limitavam-se, de longe em longe, a um brando afago aos cabellos louros, encaracolados, que se lhe metiam sob as mãos...

Nesse tempo viviam na herdade dos Pizões, entre serras cobertas de esteva e rosmaninho, e Maria da Luz crescia como uma flôr silvestre, sem tratamento nem resguardos. A sua alminha, como o seu corpo, formava-se livremente, em plena natureza, na contemplação dos calmos e larguissimos horisontes de olivedos e montados que lhe inspiravam sentimentos de grandeza e de generosidade. Desperta como os passarinhos, ao nascer do sol, logo a soltavam no terreiro do *monte* onde os filhos dos caseiros e dos ganhões retouçavam. Sem peias nem vigias, aos seis anos corria como uma cabrita pelos prados, colhendo e trincando alimpa-meis e ramos de funcho d'amora das silvas; descia aos barrancos espiar os moleiros na lida dos açudes ou na pesca de tarrafa; ao toque dos buzios, ia aos apriscos do gado, ás malhadas, beber almesse; e os seus gritos de prazer perdiam-se entre o som dos chocalhos e os balidos dos cordeiros; na primavera ia dormir a sesta nas searas, abrindo caminho com os bracitos entre as ondas verdes do trigo, salpicado de papoulas. E no seu espirito, avido de comprehender todos os misterios da vida, começavam a despertar curiosidades que se traduziam em perguntas á velha Josepha, quando á noite, ao canto do lume, a boa velha lhe recitava, com as agulhas da meia a correr nas mãos, contos de bruxas e principes encantados.

— Esta menina é os meus pecados! — resmungava a Josepha muito aflicta, sem saber muitas vezes que responder — Sahe-se com cada uma!

E á medida que o tempo passava, o genio inquieto da pequena ia-se acentuando. Um dia o caso foi falado, alarmou toda a creadagem. Maria da Luz depois de uma grande festa com o rapazio da herdade, fôra encontrada a dormir no palheiro ao lado do filho do feitor, um gaiato de seis anos tambem.

D'ahi em diante, embora o morgado, ouvindo a historia, tivesse encolhido os hombros com indiferença, sem ter comprehendido, a senhora Josepha ordenou uma certa sugeição e principiou a falar em mandar a menina á doutrina, quando no inverno seguinte regressaram á casa da vila.

E nesse inverno, de feito, transportaram-se para a velha moradia, abandonada desde o luto. Fizeram-se obras, arrancou-se do quintal a herva daninha que por toda a parte crescera e quasi ocultava os alegretes de violetas, os melindres e amores perfeitos; encheu-se o pateo de mêdas de lenha de azinho e, pelo Natal, feita a matança do porco, já estavam penduradas ao fumeiro longas fitas de chouriços moiros, linguiças e farinheiras. Todavia o casarão não tomava calôr, não parecia estar habitado. O velho morgado, sem energia para opôr, deixava-se conduzir, e passava os dias á brazeira olhando os carvões a consumir-se lentamente, como a sua vida. Todas as noites, ao levarem-no, amparado, para o seu quarto de tectos altos e moveis severos, dizia com ar cavo:

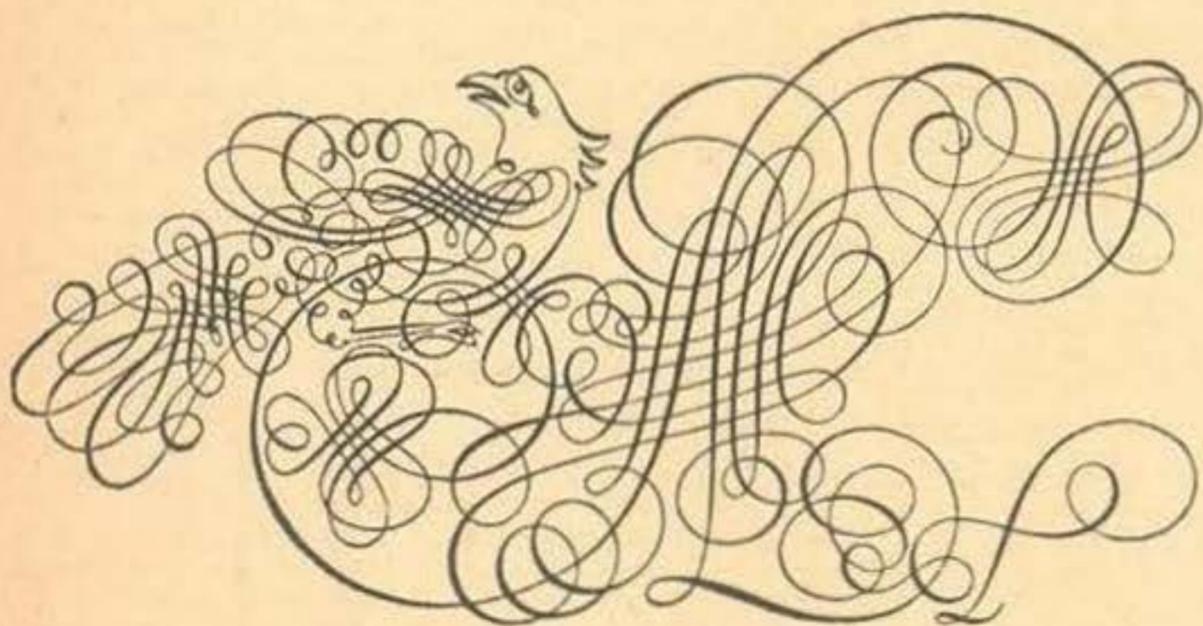
— Esta casa é triste! A morte já não sahe d'aqui!

Maria da Luz, em novembro, foi á doutrina, e nos largos serões desse inverno principiou a resar com a senhora Josepha estações de *Padres-Nossos* e *Avé-Marias*. Mas o seu extranho temperamento, em vez de se refrear com o temor das penas do inferno, começava a manifestar-se profundamente irrequieto, excitado pela pseumbra da igreja, pelo cheiro do incenso e pelos sons do orgão tocado pelo velho mestre da filarmonica.

— Esta moça é os meus pecados! — dizia, desconsolada, a senhora Josepha, observando-lhe os movimentos languidos e sensuaes, os modos senhoris que principiava a tomar — se a não metem num convento, em tendo mais idade, vai sahir d'aqui uma heroina!

(Continua).

URBANO RODRIGUES

SECULO XX

vida actual, intensa, cinematografica, violenta, desarticulada, criou uma civilização diferente, destruiu convenções, alargou a fronteira do pensamento, exigiu que o artista, o civilizado, o homem que vê diferentemente a vida e lhe aponta os valores, alheio a todas insinuações e calúnias, penetre em todos os sítios, vença em todos os ambientes, dominando-os, categorisando-os, impondo-os, rasgando-lhes as portas, porque a sua presença — a presença do artista, do criador, do civilizado, do homem que fixa diferentemente a vida — empresta a todos os ambientes a sua personalidade e o valor das suas obras. Foi êste pensamento oculto, esta vontade, êste alargamento de fronteiras, esta necessidade hiper-civilizada do contacto entre o homem e o ambiente, entre o homem e a vida, que criou o cabaret, o dancing, o recinto isolado em que se toca e vive, em que a vida surge decorada como num palco, ilustrada como num magazine.

O cabaret é para o artista, o que o magazine é para o público. E' nos grandes cabarets, nos caberets criados pelos artistas, que nos grandes paizes da Europa se reunem os escritores, os pintores, os musicos, enfim, todos os artistas, os civilizadas. São nos cabarets, criados pelos artistas russos em Berlim, que se reunem os diplomatos e os artistas, os homens das finanças, grandes directores de sociedades e, é quasi sempre nos cabarets — em alguns dos quais ha permanentes exposições de pinturae escultura — que o artista se relaciona com a finança, que a finança se civiliza relacionando-se com a arte. Os clubs são cabarets. São cabarets os clubs das praias e os das cidades. Entre uns e outros não ha fronteiras. Os emprezarios são os mesmos e, não se compreende, que existam individuos que frequentam uns e combatem outros...

Ha cabarets, que vivem propositadamente longe dos artistas, exibindo aspectos horriveis, decorados sem gôsto, casas forradas a mau papel. Existem outros que são obras de Arte, vestidos e pintados por artistas de nome. São galerias. Apetece viver neles. Consusumir neles as horas que o trabalho deixa livres. Paris é a cidade dos cabarets, a cidade luz, a cidade movimento. Nos cabarets de Pasis teem passado os grandes artistas, os maiores diplomatas, os politicos conhecidos mundialmente. Lenine e sua mulher, aquela mulher esguia, vestida de negro, que vive para amparar e proteger a obra do dictador, passava as tardes e as noites nos cabarets de Paris, construindo e sonhando a Russia nova.

O Rei Eduardo VII, que foi proclamado Rei de Paris, visitou um dia, a pedido, o cabaret *Au chien qui fume*. E' uma historia curiosa que fica bem contar nesta crónica.

Au chien qui fume, era um cabaret .perdido entre os outros de Paris. Quando Eduardo VII o atrvessou, *Au chien qui fume,* era um cabaret esquecido pela vida. Quasi não era frequentado. Anoticia correu, atravessou Paris. *Ao chien qui fume,* surgiu no outro dia o cabaret da moda. Mais tarde o proprietario trespassou-o por alguns milhões. *Au chien qui fume* passou a ter como frequentadores todos os que pretendiam imitar o Rei Eduardo VII. Porque a vida mudou e porque a aristocracia moderna é a do pensamento, os grandes artistas dentro das suas artes são reis. Os reis sumiram-se — ficou a nobreza da inteligencia. Um cabaret frequentado por artistas adquire a categoria do tal cabaret, vizitado pelo rei Eduardo VII — *Au chien qui fume*. São os artistas que hoje lançam os cabarets. Foram os artistas que tornaram *El Pombo,* de Madrid, o cabaret mais conhecido da Espanha e o *Clou* um dos mais disputados de Paris.

A. F. G.

▪ P I N T U R A ▪

FALKÉ
(O VIUVO)

VAN DONGEN
(QUADRO)

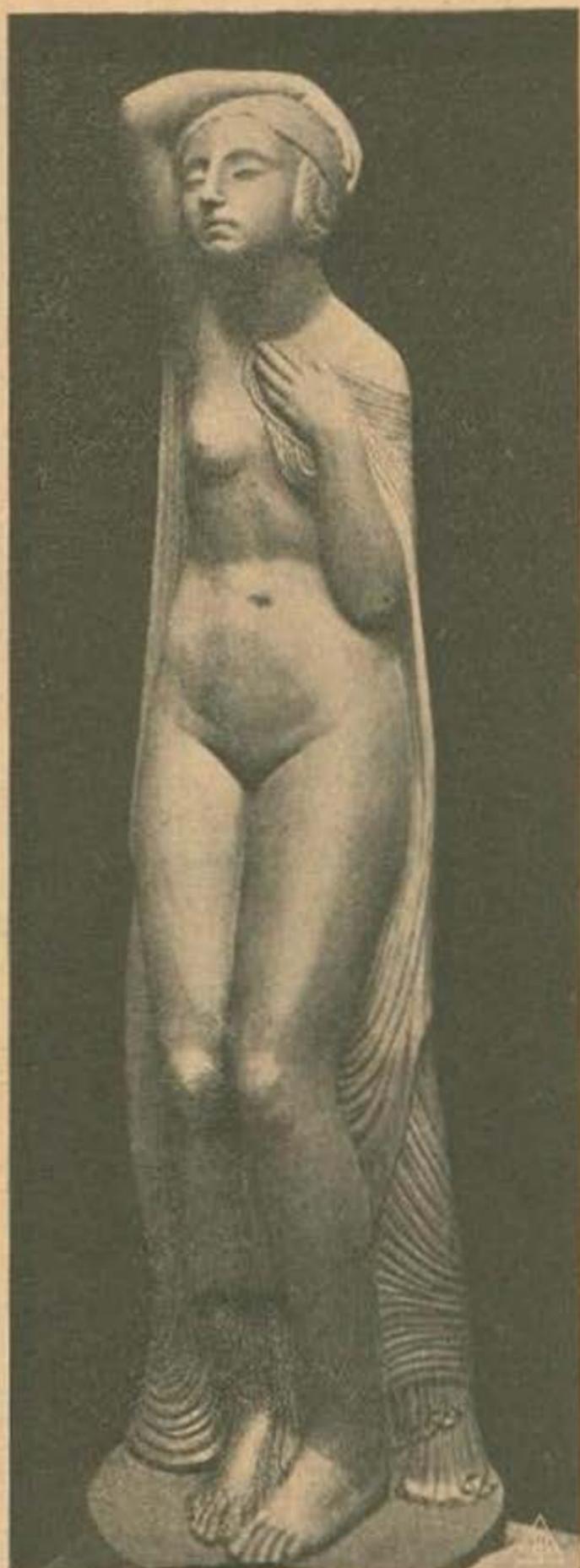
ZILZER
(OS MARINHEIROS)

PELTIER
(O PORTO)

CHARLOTTE GARDELLE
(RETRATO DE HERMINE DAVID)

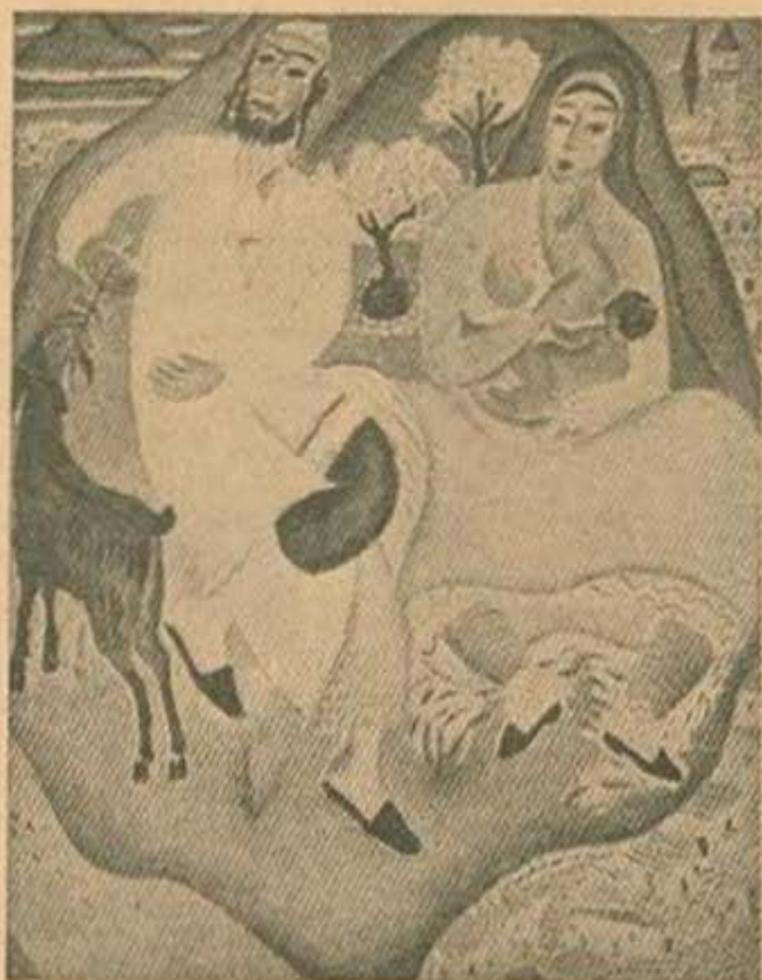
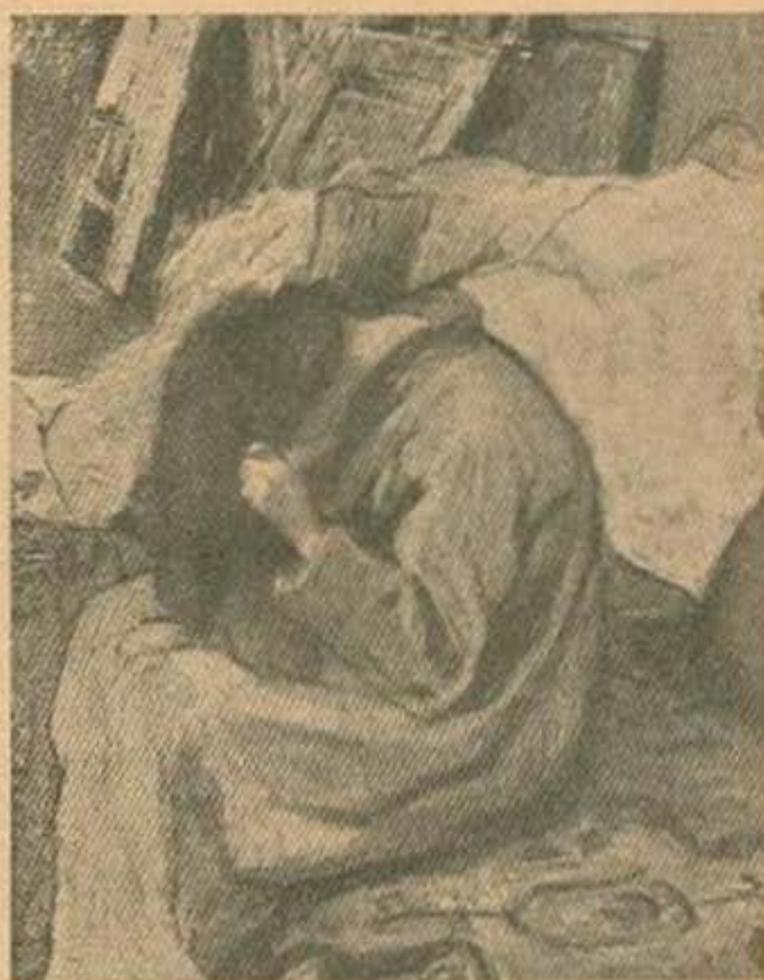
VAN DONGEN
(QUADRO)

▪ E S C U L T U R A ▪

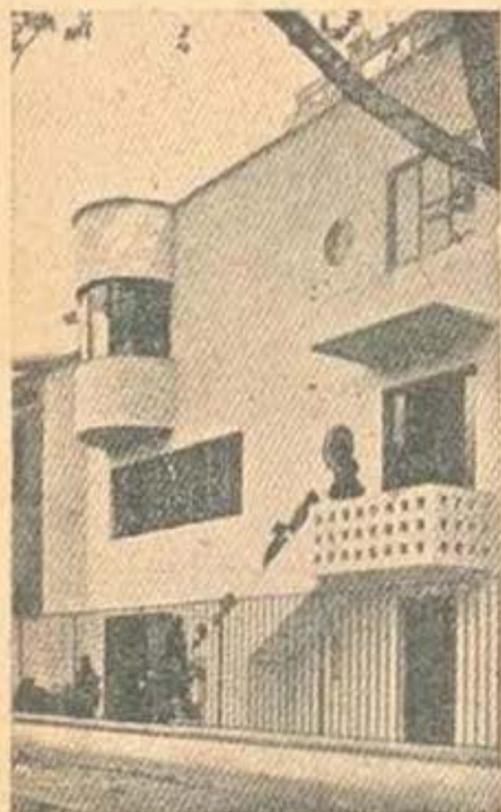
(COMEDIA)

(TRAGEDIA)

ERNESTO DO CANTO

ESTATUAS DESTINADAS AO HALL DO «BRISTOL CLUB»

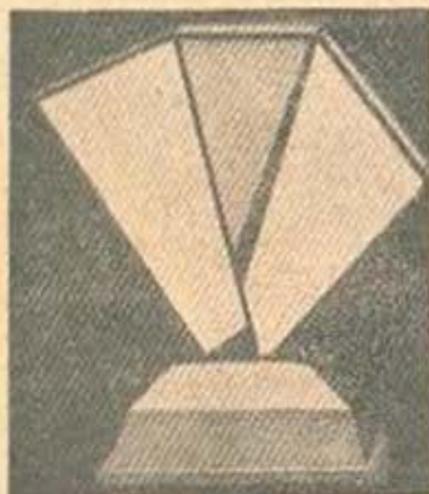
▪ P I N T U R A ▪

RUBIN
(QUADRO)

TOULOUSE-LAUTREC
(A TOILETE)

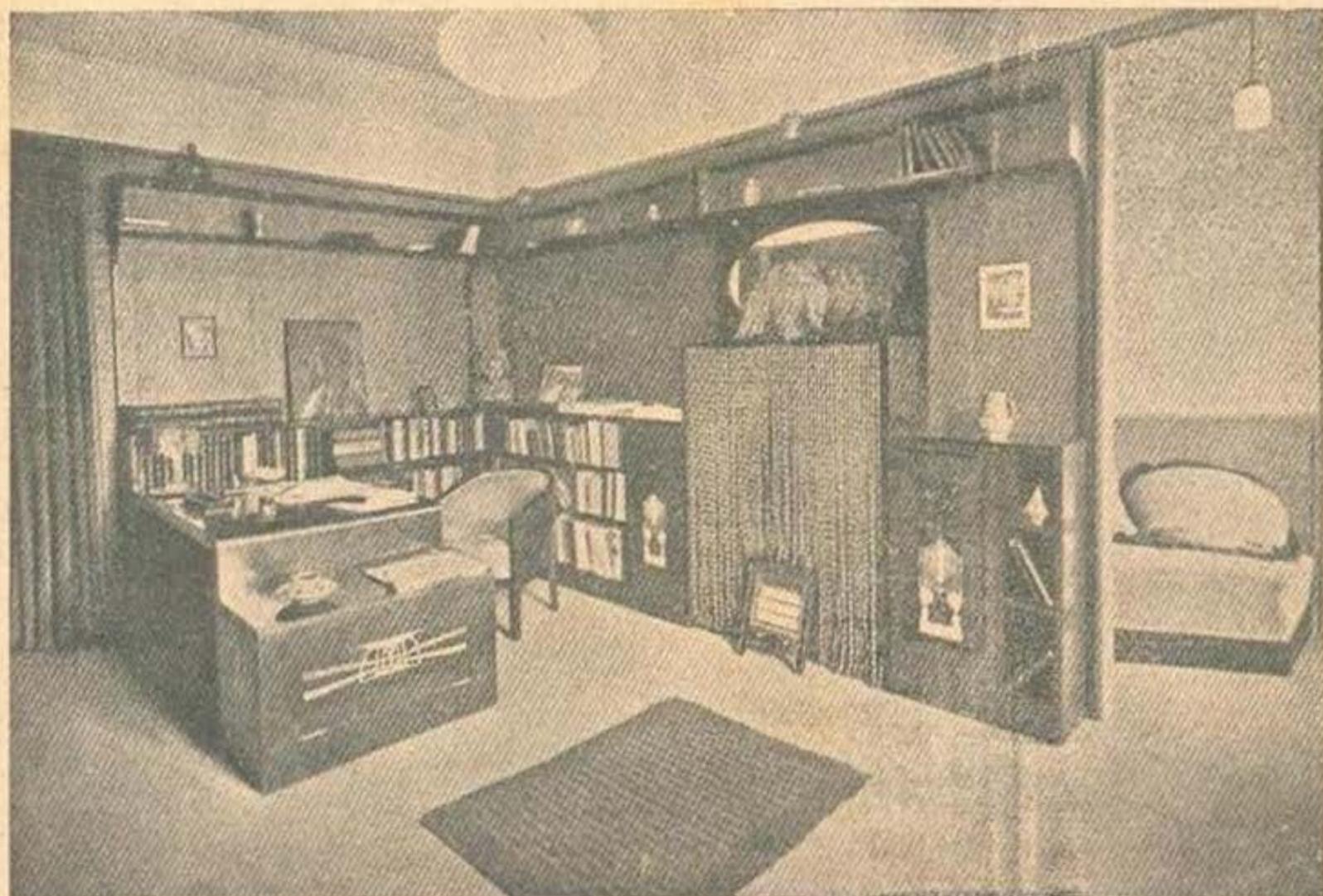
TOULOUSE-LAUTREC
(A DEBUTANTE)

GALERIA CONTEMPORANEA
▪ ARQUITECTURA ▪

ANDRE LURÇAT
(VILLA EM VERSAILLES)

LE CORBUSIER
(VILLA DO ESCULPTOR
LIPCHITZ)

ROBERT MALLET-STEVENS
(CASA NA VILLE-D'OUVRAY)

COMPARAR COM AS
AVENIDAS NOVAS (?)
DE
LISBOA...

J. PERZEL
(CANDIEIRO)

FELICITAR A CAMARA
E A DIREÇÃO
GERAL DE BELAS
ARTES

LOUIS DOUMERGE, GABINETE DO DR, A...

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

JULHO-OUTUBRO — 1926

Director: JOSÉ PACHEC

Editor: GIL VAZ

CORRESPONDENTE NO BRASIL:
Madame Olívia Penteado

CORRESPONDENTE EM ESPANHA:
Conde de Santibañez del Rio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
T. do Fala-Só, 24 — LISBOA

(Toda a colaboração é solicitada pela CONTEMPORANE

3.ª SÉRIE

N.º 3

SUMÁRIO

Composto e impresso na IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA